



Heron Robledo's

JOHN TURNER

A CIA e o golpe de 64 no Brasil





A CIA e o Golpe de 64 no Brasil

[ADVERTÊNCIA]

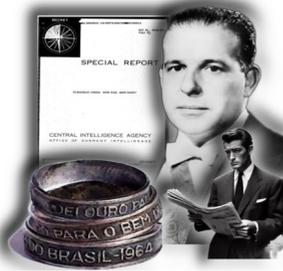
Esta é uma obra de ficção baseada em fatos e personagens reais.

Alguns nomes de personagens são reais mas os fatos atribuídos ou relacionados a eles não são, necessariamente, verdadeiros.

Alguns locais são verdadeiros mas não os fatos atribuídos ou relacionados a eles.

Ao ler, ouvir ou assistir a este conteúdo, você declara que o faz por sua vontade e que nada tem contra esta obra, seja do ponto de vista editorial, literário ou legal.

Prólogo.



Quando tinha 11 anos de idade, Heron Robledo assistia sua avó materna Mariana mostrar, em frente de sua casa localizada em uma pequena rua sem saída no bairro do Ipiranga em São Paulo, entusiasmada e feliz, às crianças da vizinhança que a rodeavam, sua nova aliança de casamento.

Era uma aliança de um temporário e reluzente dourado onde lia-se, na parte externa e em todo o contorno; “DEI OURO PARA O BEM DO BRASIL – 1964”.

Ela explicava às curiosas crianças, interessadas em ter uma aliança igual que primeiro, era preciso ter uma aliança de casamento de ouro, depois ir até o edifício onde estava localizado o “DIÁRIOS ASSOCIADOS” em São Paulo, depositar a aliança original em uma urna, e finalmente, receber a tal nova aliança.

Quando indagada do “por quê” de tal atitude, Mariana explicou que era para ajudar o Brasil a pagar suas dívidas.

Algumas crianças demonstraram grande decepção ao constatarem que demoraria muito tempo até que se casassem e que o estoque de alianças poderia acabar.

Robledo pensou, mas não falou, que aquilo poderia ser uma vingança contra o avô Francisco, consorte de Mariana, porque eles viviam em pé de guerra.

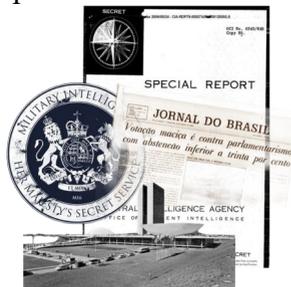
Mas o fato é que “DEI OURO PARA O BEM DO BRASIL” foi um golpe muito bem planejado por um bando de ratazanas que, a pretexto de dar legitimidade ao governo militar que derrubou o presidente João Goulart, viu uma “oportunidade de ouro”, por assim dizer, de encher os bolsos explorando a boa fé dos simples e incautos.

Pesquisando aqui e ali, Robledo descobriu que a campanha do ouro começou a ser planejada antes mesmo que o golpe de 64 se consolidasse, dando margem a se refletir sobre a possibilidade de que o golpe era apenas um meio para que se pudesse, afinal, tomar o dinheiro das pessoas, como acontece por essas bandas desde sempre.

Não sem surpresa, Robledo também descobriu o grande envolvimento e ingerência da CIA, a famigerada agência de inteligência americana que só opera no exterior e que é ilegal e ilegítima por qualquer ângulo que se olhe.

O protagonista da nossa história, criado por Heron Robledo, é John Turner, um charmoso, competente e às vezes atrapalhado agente da CIA, disfarçado de funcionário da SEARS, designado para dar cabo da operação “SILÊNCIO PROFUNDO”, cujo objetivo é fomentar a desordem e o caos fornecendo meios aos atores a favor e contra o fim do governo Goulart.

Capítulo 1.



Os analistas do Departamento de Estado do Governo Lyndon B. Johnson não compreendiam como um país que foi “o queridinho do mundo”, exemplo para nações em desenvolvimento, que ganhou duas Copas do Mundo de Futebol, cuja música era a trilha sonora do mundo, e que principalmente, havia construído uma cidade no meio do mato a partir do nada poderia estar numa situação dessas.

A CIA, já no Governo John F. Kennedy, demonstrava preocupação com a eleição de João Goulart para vice-presidente de Jânio Quadros. Ainda que não contasse com o imponderável; a renúncia do presidente e a crise política que se seguiria.

Havia rumores de que se por algum capricho do destino, Goulart viesse a assumir a presidência, um golpe da esquerda, com confiscos de todas as formas, mas principalmente a nacionalização de empresas estrangeiras, a maioria norte-americanas e inglesas, seria inevitável.

O dia 21 de abril de 1963 foi o gatilho para dar início ao que, secretamente, ficou conhecido nos corredores da agência como “A OPERAÇÃO SILÊNCIO PROFUNDO”. Naquele dia, os eleitores brasileiros haviam votado, em um plebiscito, pelo retorno do país ao regime presidencialista.

Antes, sob o regime parlamentarista, uma recaída mais à esquerda aqui e ali não representava uma ameaça propriamente dita, uma vez que o Congresso Brasileiro, formado na maioria por latifundiários, empresários, banqueiros e gente endinheirada de todas as nuances, impedia pretensões que pudessem, de alguma forma, avançar sobre o grande capital e a propriedade.

John A. McCone, diretor da CIA desde os tempos de John F. Kennedy, anticomunista declarado, tardiamente mandou preparar um relatório que seria entregue ao presidente Johnson na reunião marcada para o dia 17 de Janeiro de 1964.

É o relatório:

Assunto: Situação Política no Brasil e “Operação Silêncio Profundo”

Data: 17 de janeiro de 1964.

Para: Presidente Lyndon B. Johnson.
De: John A. McCone, Diretor da CIA.

Resumo Executivo:

Senhor Presidente,

Levo a seu conhecimento a situação política em curso no Brasil e os desenvolvimentos relacionados à “Operação Silêncio Profundo” (Deep Silence) da CIA.

A eleição de João Goulart para vice-presidente de Jânio Quadros, seguida pela renúncia deste último e pela subsequente crise política, trouxe à tona uma série de desafios e incertezas para a estabilidade na América do Sul.

Contexto:

João Goulart, conhecido por suas inclinações políticas à esquerda, está atualmente na linha de sucessão presidencial.

Sob o regime parlamentarista, as preocupações em relação a movimentos à esquerda eram mitigadas pelo Congresso Brasileiro, dominado por empresários e banqueiros.

O retorno ao regime presidencialista, decidido pelo plebiscito de 21 de abril de 1963, mudou o cenário político e aumentou as preocupações com a possibilidade de um governo mais inclinado ao socialismo.

Operação Silêncio Profundo:

A CIA, antecipando-se a possíveis ramificações das ações de Goulart, implementou a “Operação Silêncio Profundo” como medida de precaução.

O nome de código “Silêncio Profundo” foi escolhido para refletir a necessidade de manter nossas atividades em sigilo e evitar alarde.

O objetivo principal da operação é monitorar e avaliar a situação no Brasil, identificar possíveis ameaças à segurança nacional dos Estados Unidos, e se necessário, tomar medidas

apropriadas para salvaguardar os interesses americanos na região.

Recomendações:

Com a confirmação do retorno ao regime presidencialista, recomendo que continuemos a monitorar de perto os desenvolvimentos políticos no Brasil, com foco especial nas políticas econômicas e nas relações comerciais com empresas estrangeiras.

Manteremos linhas de comunicação abertas com nossos contatos e informantes no Brasil para coletar informações atualizadas sobre ações potencialmente prejudiciais aos interesses americanos.

Devido à incerteza em torno das intenções do governo brasileiro, estaremos preparados para responder de forma flexível e eficaz a qualquer eventualidade, incluindo medidas diplomáticas, econômicas e militares.

A equipe encarregada da operação identificará os alvos à esquerda e à direita com o objetivo de fomentar a desordem para a implantação de um regime militar de extrema-direita que, por sua vez, providenciará o expurgo de quadros esquerdistas instalados no Congresso Nacional, em especial, e na sociedade civil; universidades, sindicatos, imprensa e nas próprias forças armadas.

Senhor Presidente, a “Operação Silêncio Profundo” está em andamento, e continuaremos a fornecer atualizações regulares à medida que a situação evoluir.

Respeitosamente,

John A. McCone
Diretor da CIA

Dean Rusk, o temido Secretário de Estado Robert McNamara e o presidente trocaram olhares de consentimento.

-Vá em frente, disse o presidente.

Capítulo 2.



John Turner era um agente de carreira da CIA treinado pela United States Information Agency (USIA). Turner, de 35 anos, ocupava disfarçadamente, junto com outros três agentes – Kate Jones, David McDonald e William Toledo – duas salas no prédio da SEARS, na Avenida Água Branca em São

Paulo, onde operava sob a fachada de "GERENTE DE PESQUISA DE PRODUTOS IMPORTADOS". Vestia-se sobriamente como um paulistano qualquer usando ternos invariavelmente cinza escuro, camisa branca e gravata estreita de cores frias. Havia vezes em que usava um chapéu de um cinza ligeiramente mais claro que o cinza do terno. Sapatos pretos de amarrar impecavelmente brilhantes, engraxados por um jovem simpático e alegre – de nome Jair – na barbearia instalada no andar térreo da SEARS, onde se barbeava diariamente pouco antes da hora do almoço.

A célula era secretamente financiada pela SEARS, que estava alinhada com os interesses da CIA na região desde 1947, quando foi criada.

A Sala 1 era um escritório comum com 3 mesas em L, cada uma com um grampeador NÓVUS e uma máquina de escrever elétrica IBM. Mas aquela com o tipo em estilo “script” era utilizada exclusivamente pelo chefe Turner, e um aparelho de telefone preto com uma etiqueta redonda no centro

do disco onde lia-se “CTB”, e em volta do emblema, percorrendo o contorno, “Companhia Telefônica Brasileira”.

O recinto também era usado para reuniões e para receber “fornecedores”; informantes e agentes locais e de países aliados, embora aparecesse, de vez em quando, alguém de fora do meio.

Ao lado de um armário de Mogno bem escuro, do mesmo padrão das mesas, com três portas que, ao serem abertas, exibiam uma prateleira de 1,80 metro de largura por 40 centímetros de profundidade, onde se guardavam pastas com documentos e alguns materiais de escritório. Na lateral direita do armário, em uma mesa de metal de pintura jateada na cor cinza esverdeado e tampo cinza, ficava uma Leitora de microfilmes da marca ANACOMP modelo MR-1, que fora adaptada para exibir imagens grandes e pequenas.

Na sala 2, em uma mesa de pouco menos de um metro de largura, um transceptor modular Collins KWM-2, fabricado pela Collins Radio Company com um gravador Uher Report 4000 ligado a ele eram utilizados para comunicação cifrada direta com o consulado americano e para ouvir e gravar conversas alheias. Ambos podiam ser transportados e dependiam apenas de uma tomada com corrente de 110 volts e um poste onde se pudesse fixar uma antena. As embalagens originais de papelão dos equipamentos, cujas marcas haviam sido disfarçadas com grandes etiquetas de papel onde se lia “FRAGILE” ficavam sob a mesa.

O aparelho de TELEX " Model 33" da Teletype Corporation transmitia e recebia mensagens, criptografadas

dependendo do caso, para contornar o fato de que no Brasil, o serviço de TELEX era monopólio dos CORREIOS.

No canto mais à direita da Sala 2, havia um cofre de aço de 1,20 metro de altura e que pesava 250 quilos, cujo conteúdo poderia ser de muito dinheiro em moeda local, mas principalmente de dólares americanos, armas e uma grande variedade de drogas – incluindo LSD, a temível droga inventada pela CIA e usada em interrogatórios – e aparelhos de escuta, câmeras fotográficas e outros itens utilizados para espionagem, coação, extorsão e suborno.

Também haviam três aparelhos de telefone, cada um com uma etiqueta colorida, substituindo o logotipo da CTB, nas cores vermelho, verde e branco.

O telefone de etiqueta vermelha recebia ligações do Departamento de Estado Americano mas nunca ligava para lá. O telefone de etiqueta branca estava ligado ao Departamento South-America da CIA. E o telefone de etiqueta verde estava ligado à mesa do Embaixador Americano em Brasília.

John Turner guiava um Chevrolet Bel Air 1956, preto com capota bege claro, interior de tecido navalhado cinza, motor de 6 cilindros e caixa de mudança automática Hydra-Matic, marca que se tornou adjetivo para “câmbio automático”. O Bel Air era grande o bastante para acomodar seus 1,85 metro de altura, mas comum o suficiente para manter a discrição. Morava sozinho em um espaçoso apartamento na Avenida 9 de Julho esquina com Alameda Franca de maneira que ficava fácil cumprir sua rotina diária como um cidadão comum e insuspeito; café da manhã na Padaria Lusitana, na Rua Líbero

Badaró às 8 horas, comprar o jornal O ESTADO DE SÃO PAULO na banca em frente à padaria, propriedade de um sujeito carrancudo, mal-humorado e ranzinza chamado “Seu Manoel”, seguida de uma parada nos CORREIOS, na esquina da Avenida São João e o Vale do Anhangabaú.

John Turner, invariavelmente amável, cortês e educado sempre se aproximava do jornalista com um largo sorriso, com o propósito de começar o dia com uma boa risada por conta da atitude do sujeito.

– Bom dia, seu Manoel! Tem o estadão?

– Sim, sempre respondia aquele misto de múmia e estátua sem desviar o olhar ou fazer qualquer movimento,

Nos Correios, antes de procurar por suas correspondências, procurava na seção de classificados do jornal por alguma mensagem oculta. Dependendo do dia, procurava um anúncio de um determinado formato e seção que somente êle sabia. Em seguida, verificava a existência de correspondência em cada uma das suas cinco caixas postais, de números 9, 19, 47 e as mais distantes 153 e 212.

Turner era o único que tinha as chaves das caixas postais, Daí que seu chaveiro, sempre preso por uma corrente prateada ao cós da calça e metido no bolso esquerdo, às vezes parecia pesar toneladas.

Pela ordem, as caixas postais tinham os seguintes propósitos.

9-Correspondências pessoais da equipe.

19-Correspondências enviadas por contatos da CIA residentes no Brasil.

47-Correspondências da CIA enviadas em nome de algum fornecedor da SEARS.

153-Mensagens cifradas enviadas pela CIA e, finalmente e não menos interessante;

212-Correspondências enviadas pelo MI6, o Serviço Secreto de Sua Majestade, cuja sede fica a alguns metros dos Correios, no Edifício Light, na esquina da Rua Xavier de Toledo com Viaduto do Chá, um magnífico prédio projetado pelo arquiteto alemão Walter Köelle nos anos 1920.

Apesar da curiosidade sobre os conteúdos, Turner colocava a coleta dentro de sua maleta modelo 007, como convinha a um autêntico espião, saía para a rua, entrava no Bel Air e seguia para o escritório na SEARS.

Chegando, foi logo abrindo a maleta e tirou dela a correspondência da caixa postal 212.

Com o abridor de cartas de cabo de chifre de búfalo que ganhou do avô quando entrou para a CIA com a recomendação de “deixar longe das garotas”, abriu o envelope pardo. Dentro dele uma folha de papel branco com o desenho de um ponto de interrogação dentro de um círculo grande na extrema direita;

"Senhores.

Por ordem de Sir Joseph Simpson, digníssimo diretor da Scotland Yard faço chegar o seguinte relatório:

Nos últimos meses, um grupo musical denominado “The Beatles” – que ninguém sabe o que significa – originário

de Liverpool, tem ganhado notoriedade na cena musical de Londres. Não obstante a sua crescente popularidade, observou-se preocupações sobre o impacto cultural e social que eles estão causando, especialmente entre os jovens.

Os membros do grupo têm adotado um estilo de cabelo mais longo e roupas que fogem do padrão convencional. Isso tem inspirado alguns jovens londrinos – e até forasteiros – a seguir o mesmo estilo.

Como resultado, os barbeiros locais aumentaram os preços dos cortes de cabelo devido à queda na demanda por cortes tradicionais, ainda que tenham economizado com a afiação das tesouras. De qualquer maneira o Financial Times calculou um impacto na inflação deste mês de + 0,02 ponto percentual.

A Associação das Farmácias Londrinas relatou uma queda nas vendas de produtos de higiene pessoal, como sabonetes e xampus, e até de cotonetes e brilhantina, outrora item indispensável no armário do banheiro de qualquer jovem. As mães, por sua vez, ficaram indiferentes por quê, segundo se apurou, tanto faz lavar uma fronha sebenta de brilhantina ou uma fronha sebenta pela falta de se lavar os cabelos.

A abrupta queda nas vendas levou à iniciativa de promoções para atrair clientes. Mas com o laquê não funcionou.

Tecnicamente não existe nenhuma outra finalidade para o laquê que não seja a de armar o cabelo das garotas. A associação sugere apenas que doem para alguma parente do

interior que não se incomode com aquele cheiro de gasolina misturada com água rás exalado pelo cosmético.

Alguns proprietários de lanchonetes e restaurantes observaram uma preocupante diminuição na clientela, pois muitos jovens preferem frequentar o “Cavern Club” em Liverpool, um “pub” fedorento e de má reputação, onde consomem alimentos menos tradicionais e pouco saudáveis e bebem Cuba Libre enquanto desfrutam da barulheira incompreensível que chamam de “música dos Beatles”.

Embora existam preocupações sobre o impacto cultural e comercial do grupo “The Beatles” em Londres, é importante ressaltar que as tendências culturais estão sempre evoluindo. E é quase certo que, como outros modismos, em breve cairá no esquecimento.

Na América do Sul, especialmente no Brasil, mantemos certo otimismo porque, pelo que sabemos, os jovens brasileiros, pessoas de bem, preferem algo mais tradicional como Tony e Celi Campelo, jovens artistas de Campinas, no Estado de São Paulo onde as mães apenas balançam o chinelo se um olhar de reprovação não bastar. Mas na Argentina nosso temor é de que ninguém pode prever a qual tamanho chegará o cabelo dos garotos ou quão pequenas se tornarão as saias das meninas. Finalmente, parece tratar-se, mesmo, de um caso perdido. Agentes do Comissariado de Menores procuraram os pais dos componentes dos tais “The Beatles” tentando convencê-los a manter os garotos longe de confusões, dedicados à escola para que, afinal, vislumbrem uma profissão, uma vez que essa coisa de ser músico não dá futuro.

Tia Mimi, cuidadora do garoto de nome John e perceptivelmente culta, além de muito bonita, quando questionada pelo comissário respondeu;

– Deixe estar. Tudo que você precisa é amor.

Atenciosamente,
James Paul McGrey – Diretor da Divisão de Costumes."

– Estão perdidos os ingleses, disse Turner para si mesmo.

Turner tentava conter o ataque de riso quando William Toledo apareceu na porta que separava a Sala 1 da Sala 2.

– Desculpe, senhor. O telefone verde.

Ninguém atendia aos telefones da Sala 2 se Turner estivesse presente.

Levantou-se e caminhou até a mesa onde ficavam os telefones na Sala 2.

Levantou o telefone verde do gancho.

– Turner.

Do outro lado do telefone uma voz masculina, em alemão impecável, disse:

– RH erwartet Sie heute um Viertel nach fünfzehn bei DRESP. Treten Sie durch Tor 3 ein. Setzen Sie sich im dunkelblauen Cadillac auf den Rücksitz und warten Sie. Passwort zum Passieren der Wache: fünfhundertfünfundfünfzig.

- What? Respondeu Turner.
- Please speak a little slower.

A voz repetiu, dessa vez mais devagar, e Turner finalmente entendeu:

– RH o espera na DRESP hoje às quinze horas e cinquenta e cinco minutos. Entre pelo portão 6. No Cadillac azul-marinho sente-se no banco de trás e aguarde. Senha para passar pelo guarda: quinhentos e cinquenta e cinco.

RH era o apelido de Richard H. Davis, Cônsul dos Estados Unidos em São Paulo e DRESP era a sigla para identificar o Consulado.

Pontual como sempre, Turner chegou 10 minutos antes, de maneira que tivesse tempo de solucionar algum imprevisto.

O táxi entrou pela Rua Cincinato Braga e parou em frente ao número 300.

Não existia um portão 6.

- Pare! Disse Turner para o condutor do táxi.

Aproximou-se do enorme portão fechado com placas de ferro rebitadas umas às outras e pintado de um verde militar, onde ao lado havia uma guarita e indagou sobre o portão número 6, no que o guarda respondeu:

- Pass?
- fünfhundertfünfundfünfzig
- What?

– Five, five, five. Respondeu.

O portão se abriu.

Alguém abriu a porta traseira do lado direito do Cadillac pelo lado de dentro e Turner entrou e sentou-se no muito confortável e amplo banco traseiro daquele formidável automóvel.

– Boa tarde, Turner, disse Richard H. Davis, estendendo a mão.

Aos 48 anos Richard H. Davis era funcionário de carreira do Departamento de Estado. Já havia servido como funcionário burocrático em embaixadas da América Central e do Sul. Havia sido designado Cônsul em São Paulo desde meados de 1962, com a promessa de tornar-se Embaixador em Buenos Aires. De baixa estatura e meio gordinho, embora finamente vestido e sempre perfumado, não podia ser considerado minimamente belo, uma vez que era portador de exotropia, aquele tipo de defeito chamado popularmente de “um olho no peixe e outro no gato”. Permanecia solteiro desde sua desilusão amorosa com a atriz Joanne Woodward, que não se sabe lá por quê, preferiu casar com Paul Newman.

RH entregou a Turner uma folha de TELEX.

Turner leu o documento; EXECUTAR SILÊNCIO PROFUNDO.

– Enviarei os detalhes pela caixa postal 153 a partir de amanhã, disse RH. E saiu do carro.

Capítulo 3.



responsabilidade.

Turner havia sido treinado para manter a calma mesmo em situações de muita pressão. Mas naquela manhã de 28 de janeiro de 1964 reconheceu que havia sentido o peso da

De saída, em vez de tomar seu comprimido diário da vitamina “ONE-DAY”, cuidadosamente manipulada na farmácia BOTICA AO VEADO DE OURO segundo a fórmula original da BAYER AG e cujo rótulo do frasco dizia “TOMAR UMA POR DIA”, tomou um comprimido do famigerado Ex-Lax que era fabricado originalmente pela Chocolate Ex-Lax Company mas que AO VEADO DE OURO fez a gentileza de embalar errado, em um frasco idêntico ao frasco do One-Day.

Vestiu-se, abriu a porta para sair mas não sem antes dar uma boa olhada pela sala, como se não soubesse se um dia voltaria.

Ao estacionar o Bel Air na frente da porta da Padaria Lusitana, sentiu algo estranho na cavidade estomacal. Algo como uma bola que se movimentava. Não comprou o jornal.

Não pediu, como sempre, ovos mexidos com bacon, pão de forma torrado e suco de laranja. Em vez disso, consciente dos riscos, preferiu um simples pão com manteiga e uma xícara pequena de café com uma colher pequena de açúcar cristal.

Havia esquecido que as xícaras de café de praticamente qualquer bar de São Paulo eram mantidas em água fervente de maneira que estavam sempre higienizadas, sendo recomendado pegar a xícara com a proteção de um lenço, como aqueles da marca PRESIDENTE. Queimou os dedos indicador, polegar e anular da mão direita.

Manobrou o Bel Air para desviar da carroça verde do padeiro, que amavelmente o cumprimentou levantando o boné branco, passou com o pneu direito sobre um montinho de estrume fresco, desceu a Rua Líbero Badaró, virou à esquerda na Avenida São João, cruzou o Vale do Anhangabaú e estacionou em frente à entrada principal do prédio dos CORREIOS e TELÉGRAFOS, cuja beleza não cansava de admirar. De fato, o projeto de Ramos de Azevedo junto com a magnífica caixa de correio em ferro fundido que ostentava o Brasão de Armas do Brasil na entrada principal do prédio.

Nessa vez abriu primeiro a caixa postal 153.

Ficou decepcionado. Havia apenas um telegrama com os dizeres, em alemão, " siehe Kastenbeiträge Nummer neunzehn" que quer dizer “veja a caixa postal 19”.

Caminhou alguns metros, abriu a caixa postal 19 e retirou um pacote que, aparentemente, continha algumas revistas.

Não havia nada de especial nas outras caixas postais. Turner, então, seguiu para o prédio da SEARS na Avenida Água Branca, uma linha reta de uns três quilômetros, já que esta é continuação da Avenida São João.

Entrou na Sala 1, cumprimentou educadamente a todos, pediu licença e fechou a porta que separava as salas, tirou o paletó e pendurou no encôsto da cadeira da sua mesa, que ficava no centro da sala.

Abriu o pacote e retirou de dentro quatro revistas. Um exemplar da Time outro da Newsweek, outro da Life e outro da Playboy que ostentava na capa a modelo Donna Michelle, uma linda ruivinha com jeito de filha de fazendeiro do interior do Arkansas.

Ficou intrigado. Porque a agência enviaria aquelas revistas americanas?

Começou analisando as capas. Primeiro a Playboy. Depois a Time, mas nada chamou sua curiosidade. Voltou para a Playboy e ficou observando por mais alguns segundos.

E assim com todas elas, sem perceber nada de diferente.

Achou que o melhor era mesmo relaxar e ir ao banheiro, já que o medicamento Ex-Lax parecia demonstrar suas qualidades.

Pegou a Playboy, dobrou e colocou sob a axila. Foi quando notou que havia algo impedindo que a revista se dobrasse completamente.

Em vez de ir ao banheiro destinado aos gerentes, que era bonito, amplo e muito bem decorado, dada a urgência foi ao “banheiro popular” mesmo.

Correu direto para a privada, menos pelo conteúdo da revista e mais pelo temperamento dos intestinos.

Sentou-se o mais confortavelmente que pode, mas não sem antes baixar as calças, e aliviou-se. Só então abriu a Playboy na página central. Constatou que duas das páginas centrais, justamente aquelas que exibiam a foto de corpo inteiro de Donna Michelle, estavam coladas e que havia um pequeno volume entre elas.

Relutou em rasgar a revista porque, para dizer o mínimo, “aquilo não era coisa que se fizesse”, pensou. Tentou separar cuidadosamente as páginas mas começou a rasgar.

Constrangido, encheu-se de coragem, levantou os grampos, retirou a página central e rasgou a parte de traz para causar o menor dano possível. E eis que um pequeno envelope pardo surgiu. Abriu o envelope apertando as laterais e retirou um pequeno pedaço de papel onde estava escrito "9".

Correu para a Sala 1 e abriu o envelope branco com etiqueta vermelha que havia retirado da caixa postal número 9 e encontrou 5 frações de microfilmes.

– David, corre aqui, gritou.

David McDonald era especialista em todo tipo de bugiganga elétrica ou eletrônica. Também tinha experiência com a fabricação de explosivos e análise de fotografias aéreas, técnica que aprendeu quando foi, no Projeto Livro Azul, fotógrafo do professor Dr. J. Allen Hynek, que também o ensinou a preparar um bom Dry Martini, para o caso de algum dia se tornar um agente secreto de verdade.

- Agora é oficial, disse Turner.
- Coloca tudo em ordem e me passa a descrição. Já!

Voa!

McDonald ligou a leitora de microfimes, esperou os 2 minutos regulamentares para seu aquecimento e colocou a fração número 1, depois a de número 2 e assim por diante. Na mesa ao lado a sempre prestativa Kate Jones ia datilografando o breve conteúdo.

Kate Jones era a mais jovem da equipe, pequena e aparentemente frágil, tinha 28 anos, era solteira, morena de cabelos lisos e olhos azuis. Tinha um corpo saudável e bem-feito. Era culta, havia se formado com louvor em Literatura Universal. Foi recrutada no Serviço Secreto da Marinha, onde tinha a patente de sub-oficial e era analista de operações especiais. Ou seja, o protótipo da espiã que a CIA vivia procurando.

Kate não falava da sua vida pessoal, exceto que tocava saxofone nas horas vagas, de maneira que apenas Turner tinha informações detalhadas sobre ela.

Capítulo 4.



Marília García Weber era jornalista e correspondente da United Press International (UPI).

Filha de mãe brasileira – Maria Alice Barretos, cujo pai era um importante cafeicultor da região de São Manoel, São Paulo – e do médico espanhol naturalizado brasileiro – Fernando Perez García, formado pela Universidade de São Paulo onde se especializou em urologia.

Sob influência do pai, foi uma das primeiras alunas da Escola de Artes e Ciências de Harvard, onde se especializou em Jornalismo e aprendeu a falar um inglês americano impecável.

Começou a namorar Charles Weber – a quem chamava de CW – na faculdade. Mas só se casaram quando CW foi transferido da Ford Motor Company para a fábrica brasileira, instalada na Avenida Henry Ford no bairro da Moóca, em São Paulo.

Charles H. Weber, era um engenheiro talentoso formado pelo MIT (Instituto de Tecnologia de Massachusetts). Graças à ajuda de Marília falava um português brasileiro quase sem sotaque. Eles alternavam o idioma falado entre eles de acordo com o dia. Dias pares, português. E dias ímpares, inglês americano. Também adoravam livros. Mas só compravam aqueles que tinham edições nos dois idiomas.

Não obstante ser uma profissional dedicada, como repórter da UPI levava a sério os valores de credibilidade e ética que tinha abraçado e aprendido a defender.

Na tarde de 31 de janeiro de 1964, ela recebeu um telegrama de David Foster Belnap, então correspondente sul-americano da UPI, instruindo-a a juntar toda documentação e informações possíveis porque havia descoberto, sem citar fontes, que a CIA e a USIA estavam junto a empresários, militares e instituições – algumas clandestinas – conspirando para derrubar o governo democrático do presidente João Goulart e implantar uma ditadura militar.

Pedi-lhe para conseguir a edição de 26 de janeiro de 1964 do New York Times e ler a coluna de Lewis Lee, pseudônimo que utilizava quando preferia preservar a identidade.

Assim fez. E, à medida que lia o texto, sua boca foi se abrindo até que explodiu e soltou um impropério; “Putá merda! Isso é nitroglicerina pura!”. No que CW, incontinente e sem mexer um único músculo, emendou: “Em inglês por favor, hoje é dia 31”.

O artigo.

“Os Intrigantes Indícios de Conspiração: Um Olhar Sobre o Governo Democrático de João Goulart”

Por Lewis Lee.

Em meio às tensões crescentes da Guerra Fria, a América Latina se tornou um terreno fértil para as maquinações secretas das agências de inteligência dos Estados Unidos. Em um momento crítico da história brasileira, emergem indícios preocupantes de uma conspiração sombria contra o governo democrático de João Goulart, com suspeitas que ecoam até os corredores do Departamento de Estado e da CIA, durante o governo de Lyndon B. Johnson.

Na década de 1960, a América Latina está no epicentro da luta ideológica entre o capitalismo liderado pelos EUA e o socialismo respaldado pela União Soviética. O Brasil, sob a liderança de João Goulart, não era exceção. O presidente brasileiro, democraticamente eleito, implementou reformas progressistas e começou a se alinhar com movimentos nacionalistas e de esquerda.

Contudo, os interesses geopolíticos dos EUA na região e o medo do comunismo desencadearam uma série de eventos suspeitos. A investigação revela que o Departamento de Estado, em coordenação com a CIA, pode ter apoiado forças políticas brasileiras e grupos militares insatisfeitos com Goulart. As perguntas surgem: foi um esforço para minar um governo democraticamente eleito?

Além disso, a influência da mídia e a disseminação de notícias tendenciosas desempenharam um papel significativo na criação de uma narrativa negativa em torno de Goulart. Os rumores de que o presidente era “comunista” ou estava alinhado com os interesses soviéticos foram alimentados pela mídia e, em última análise, por informantes da CIA.

No entanto, devemos abordar essas questões com cautela. A história é complexa, e muitos documentos estão classificados como sigilosos. À medida que mais informações vêm à tona, é fundamental que examinemos esses eventos à luz dos valores democráticos e da transparência. A investigação sobre os indícios de conspiração contra João Goulart deve continuar, para que possamos entender completamente os acontecimentos desses tempos críticos.

Até o momento, tanto o Departamento de Estado quanto a CIA negam qualquer reconhecimento sobre o assunto mas, da parte deste repórter, isso só reforça a suspeita de que existe algo estranho, exatamente como no caso de aparições de discos voadores, testemunhados por centenas de cidadãos idôneos mas sempre negado pelo sistema.

Marília não viu nenhum problema em comentar o artigo do Times com CW.

Na manhã do dia 1 de fevereiro, um sábado, deixou o jornal aberto ao lado da xícara de café do marido.

-Este jornal é de quando? E por que eu estaria interessado em comprar meias de seda sem costura na Sears? Reclamou CW.

Marília percebeu o erro e dobrou o jornal na página com a coluna de David Foster Belnap.

-E quem é esse tal de Lewis Lee? Por acaso ele tem duas fábricas de calças?

-Leia o artigo CW! Antes que eu quebre este prato na sua cabeça. Na verdade era uma tigela destas de comer mingau. Lewis é o pseudônimo do Belnap, estúpido, completou.

Enquanto lia o artigo, os olhos de CW foram se abrindo até estampar a mais pura expressão de pânico.

- Puta Merda! Isso é nitroglicerina pura!
- Em inglês, por favor, hoje é dia primeiro.

Mas Marília olhou carinhosamente para CW e pensou na chance que existe de duas pessoas se expressarem da mesma maneira sobre um mesmo assunto e no dia errado, e com uma expressão de certeza definitiva de seu amor concluiu que eles eram, mais do que casados, almas gêmeas.

- Quê? Perguntou CW exibindo um terno e carinhoso sorriso para Marília.

- Preciso dos seus contatos no governo, disse Marília.
- Contatos, quais?
- Qualquer um que esteja metido nessa conspiração.
- Ah, isso é fácil. É só ignorar as crianças menores de dez anos.

Marília percebeu que havia, sim, muita lógica no que CW havia dito.

Passou o domingo entre livros e jornais velhos procurando por algo que corroborasse as afirmações de Belnap.

Na manhã de segunda-feira, a maldormida Marília levantou agitada. Tinha passado a noite quase em claro

pensando em uma maneira de dar cabo a aquela que poderia ser a reportagem da sua vida.

– Levanta CW, vamos que eu tenho muita coisa para fazer. Disse Marília enquanto puxava o marido pelo braço.

Marília García e Charles H. Weber moravam em uma casa tipo apartamento na Rua da Moóca, 516. O imóvel era um pouco antigo mas com o jeitinho de ambos transformaram o velho apartamento em um cantinho aconchegante e confortável. Como dizia Marília; “é a nossa cara”. E como dizia CW; "É a cara dela".

Pilotando seu Volkswagen Sedan 1200 de 1962 a toda velocidade pela Rua da Moóca até a fábrica da Ford na avenida de mesmo nome sob protestos de CW que se segurava no suporte cujo nome não convém citar por tratar-se de um palavrão, CW virou para Marília quando ela freou bruscamente na esquina da Rua da Moóca com Rua Borges de Figueiredo e disse enfurecido passando a mão no galo que se formou na sua testa quando bateu a cabeça no para-sol à sua frente.

– Você poderia ao menos comprar um carro maior e mais seguro?

– Carro? Qual?

– Poderia ser um Sinca ou um Aero-Willys.

– Quê? Dios no lo quiera, prefiero la muerte, prefiero que me cure un burro. Respondeu Marília em espanhol, aprendido com o pai, que era um católico fervoroso.

Capítulo 5.



Quarta-feira 5 de fevereiro de 1964 foi um dia de mudanças importantes e inesperadas.

Por volta das 9 horas, o telex imprimiu a seguinte mensagem:

Assunto: Nomeação Oficial como Adido Cultural – John Turner

Para: John Turner

De: Lincoln Gordon, Embaixador dos Estados Unidos da América no Brasil

Data: 5 de Fevereiro de 1964

Caro Sr. Turner,

é com grande satisfação que eu, Lincoln Gordon, Embaixador dos Estados Unidos da América no Brasil, anuncio oficialmente a sua nomeação como Adido Cultural no Consulado Americano em São Paulo.

Sua nomeação é um reconhecimento da sua distinta carreira e do seu compromisso com os valores culturais e educacionais que fortalecem os laços entre Estados Unidos e Brasil. Sua vasta experiência e conhecimento fazem de você a pessoa ideal para liderar nossos esforços na promoção da

cultura americana e no estreitamento das relações culturais entre nossos dois países.

Como Adido Cultural, você terá uma função crucial na promoção da compreensão mútua, na divulgação da cultura americana e no fomento da cooperação entre instituições culturais, acadêmicas e artísticas. Suas responsabilidades incluirão o desenvolvimento e a coordenação de programas culturais, a organização de eventos educacionais e a representação dos interesses culturais dos Estados Unidos na região.

A sua nomeação entra em vigor a partir da data desta comunicação, e esperamos que você aceite esta designação com a honra que ela merece. Sei que você desempenhará essa função com dedicação, integridade e excelência.

Por favor, esteja ciente de que sua contribuição será inestimável para a missão diplomática dos Estados Unidos no Brasil, e aguardamos com expectativa a sua chegada ao Consulado Americano em São Paulo.

Parabéns por essa conquista notável, e desejamos-lhe muito sucesso na sua nova posição como Adido Cultural.

Atenciosamente,

Lincoln Gordon.

Embaixador dos Estados Unidos da América no Brasil.

Turner mal digeriu aquela mentira grosseira quando o telefone verde tocou.

David, William e Kate trocaram olhares.

John Turner, que ficou ao lado do telex até o término da impressão da mensagem, disse aos companheiros.

-Me deem licença, por favor.

-E fechem a porta, enquanto o telefone tocava.

Tirou o telefone do gancho.

-Turner.

-Bom dia senhor Turner. Vai falar o Embaixador Gordon. Aguarde um momento, por favor.

-John? Como está a família, perguntou Lincoln Gordon, demonstrando desconhecer qualquer detalhe da vida de Turner.

-Bem, obrigado senhor. Como está dona Alice? Insinuando que, se Gordon não sabia nada sobre ele, sabia muito sobre a vida e a carreira do principal conspirador do Departamento de Estado, quando o assunto era Brasil.

John Turner sabia, por exemplo, que Gordon tramava um golpe de estado no Brasil já nos tempos do presidente Kennedy e que tinha azia quando comia salsichas.

Gordon foi direto ao assunto.

– Você entendeu não é, filho?

– Entendi senhor.

– Ok. Você já viu as fotografias? E desligou o telefone.

Fotografias?

Fotografias, claro! Turner entendeu que LG (como o embaixador era chamado no Departamento de Estado) se referia aos microfilmes.

– Kate? O relatório, por favor, disse enquanto limpava delicadamente, com um pequeno pano de flanela amarela, os óculos redondos idênticos aos usados por Gregory Peck, com quem era parecido a ponto de ser confundido com o ator.

Turner passou a usar óculos de grau desde que foi diagnosticado com uma pequena mas desconfortável miopia nos dois olhos pelo Doutor Moacyr Álvaro, cuja receita descrevia, genericamente, -0,75 grau no olho esquerdo e -1,00 grau no olho direito.

Por sugestão de HANS MULLER, dono da ÓTICA UNIVERSAL, que ficava na Rua São Bento número 81, quase ao lado da Botica Ao Veado de Ouro, encomendou os óculos com lentes ZEISS na ótica da SEARS, que se encarregou de conseguir também a armação de cor de tartaruga, o que lhe concedia, junto com os cabelos pretos e lisos, sempre bem aparados e ligeiramente umedecidos com óleo de pentear PALMOLIVE, um ar sóbrio e másculo.

Kate abriu o cofre e retirou uma pasta de cor amarelo citrino, com a frase TOP SECRET gravada por um carimbo vermelho.

– São páginas de um mesmo assunto, disse Kate antes que Turner reclamasse do parco conteúdo.

– Traga as frações dos microfilmes e o ácido.

“O ÁCIDO” no caso era uma garrafa de ácido sulfúrico (H₂SO₄).

John Turner pegou uma pequena tigela de aço inoxidável, colocou os pequenos pedaços de filmes e despejou o ácido sobre eles, sem conferir se o conteúdo do relatório e dos filmes era o mesmo.

Ao som característico de fervura, em poucos segundos os filmes haviam desaparecido.

Turner pediu licença, e fechou a porta.

RELATÓRIO.

ATIVOS HUMANOS:

PRAÇAS.

[Devem ser monitorados apenas].

[Não intervir].

João Goulart (Jango).

Presidente da República.

Maria Teresa Fontella Goulart.

Esposa de Jango (Maria Teresa).

Leonel Brizola (Brizola).

Cunhado de Jango.

Ex-Governador do Estado do Rio Grande do Sul.

Deputado Federal.

Neusa Goulart Brizola.
Esposa de Brizola.
Irmã de Jango (Neusinha).

Miguel Arraes de Alencar (Arraes).
Governador do Estado de Pernambuco.

Darcy Ribeiro (Darcy Ribeiro).
Ministro da Casa Civil.

Almino Afonso (Almino Afonso).
Ministro do Trabalho, Indústria e
Comércio.

CANHOTOS.

J. Anselmo dos Santos (Cabo Anselmo).
Cabo da Marinha.
Agitador canhoto a serviço dos destros.
Localizar e fomentar.

Gregório Bezerra.
Partido Comunista do Brasil (PCB).
Confederação dos Trabalhadores do
Brasil (CTB).
Sindicato dos Trabalhadores nas
Indústrias Metalúrgicas de Pernambuco.

Participante ativo de movimentos
sindicais, rurais e
urbanos e movimentos grevistas.

[Monitorar].
Carlos Marighella.
Luís Carlos Prestes.
João Amazonas.

Influentes líderes da esquerda radical e simpatizantes da luta armada.
Em um eventual golpe militar serão eliminados pelas forças de segurança internas.

Verificar a possibilidade de fornecer armas e dinheiro em espécie.

Francisco Julião.
Deputado Federal e advogado das Ligas Camponesas.
Tem contato com inúmeros membros da esquerda radical.

Contato:
Iara Iavelberg. Jovem estudante da USP em vias de se separar do marido, de tendências esquerdistas radicais relacionamentos com líderes da esquerda.
Ofereça armas, recursos financeiros e logística a ela.
Iara tem pretensões de liderança e esta é uma maneira de aproximá-la dos

radicais. Monitorar 24x7 se o contato for bem-sucedido.

DESTROS.

General Golbery do Couto e Silva.

O general encabeça a lista porque sua influência e credibilidade no Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES).

Temos conhecimento de que toda a estratégia militar para um eventual golpe está sendo preparada por ele. Golbery é considerado um “amigo dos Estados Unidos”.

Golbery aceitou nossa oferta de ajuda militar e está em contato permanente através de canais sigilosos com os comandantes da “Operação Brother Sam”, cujos detalhes não serão citados aqui.

General Humberto de Alencar Castelo Branco.
Chefe do Estado-Maior do Exército.
Cotado para a Presidência da República

General Artur da Costa e Silva.
Comandante do 4º Exército.
Cotado para a Presidência da República.

General Emílio Garrastazu Médici.
Comandante da Academia Militar das Agulhas Negras.

Cotado para a chefia do Estado-Maior do Exército.

Almirante Augusto Rademaker.
Cotado para o Ministério da Marinha.

Almirante Adalberto de Barros Nunes.
Cotado para o Ministério da Marinha.

Brigadeiro Gabriel Grün Moss.

Marechal-do-ar Eduardo Gomes.

Carlos Lacerda Governador do Estado da Guanabara.

Roberto Marinho
Dono do jornal O Globo e da TV Globo.

Antônio Carlos Magalhães: político baiano.

Rui Mesquita.
Diretor de “O Estado de São Paulo”.
Único jornalista brasileiro a entrevistar Fidel Castro após a revolução cubana.

José de Magalhães Pinto.
Governador de Minas Gerais.
Dono do Banco Nacional.

ENTIDADES:

Jornal O Globo.
Jornal Última Hora.
Jornal do Brasil.
Correio da Manhã.
O Estado de São Paulo.

Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais.
Instituto Brasileiro de Ação Democrática.

UNE RIO.

Donos da Rádio Mayrink Veiga (e outros).

DESABASTECIMENTO:

Procurar compradores potenciais de gêneros de primeira necessidade.

Procurar um banco para alavancar a compra de dólares.

Comprar tudo o que houver disponível de arroz, feijão, açúcar e farinha de trigo.

Comprar todos os dólares americanos e libras esterlinas disponíveis no mercado, com o propósito de desvalorizar o Cruzeiro.

CREDIBILIDADE:

Indução à credibilidade do novo governo.

Campanha OURO PARA O BEM DO BRASIL.

Capítulo 6.



Na manhã de 18 de fevereiro de 1964, John Turner, agora Adido Cultural do Consulado dos Estados Unidos em São Paulo, aguardava o voo VARIG RG-200 que partiria do Aeroporto de Congonhas com destino ao Aeroporto Santos Dumont às 8

horas e trinta minutos.

Pontual como sempre, Turner chegou ao aeroporto de táxi. Levava sua maleta 007 e uma mala de mão, cujo conteúdo era suficiente para passar uma ou duas noites na Cidade Maravilhosa.

Dirigiu-se ao balcão de embarque assim que ouviu a chamada.

À sua frente uma jovem bonita e cheirando suavemente com um perfume de flores do campo chamou sua atenção. Era Marília García Weber.

Marília carregava apenas uma bolsa a tiracolo pois havia despachado sua bagagem.

Dentro do Electra, os passageiros iam se acomodando rapidamente.

A ponte aérea Rio-São Paulo não tem poltronas demarcadas e Turner sentou-se na poltrona do corredor ao lado de um jovem senhor de terno de linho branco e chapéu de palha.

Marília sentou-se na poltrona do lado do corredor da fileira de poltronas do lado esquerdo da aeronave, imediatamente atrás de Turner.

O passageiro de terno branco tirou do bolso interno do paletó um charuto tipo robusto com 18 centímetros de comprimento e capa clara, sem etiqueta de identificação de origem, e perguntou a Turner.

– Aceita? É um puro cubano.

Turner raramente fumava mas sabia que mesmo o mais convicto anticomunista deixava a ideologia de lado quando o assunto era charuto; tinha de ser cubano.

– Claro, muito obrigado! Aceito sim, mas vou fumar depois.

O passageiro de terno branco encarou Turner com um ligeiro tremular de raiva do olho direito tentando exprimir seu ódio e passar uma mensagem de que tinha sido educado apenas, não esperava que aceitasse, como fazem as pessoas finas e educadas.

Turner pegou o charuto e guardou no bolso interno do paletó.

Turner estendeu a mão para o passageiro.

-Turner. John Turner.

-Carlos. Antonio Carlos, respondeu o passageiro.

Após algum tempo de conversa falando sobre charutos e uísque, Antonio Carlos percebeu que Turner era estrangeiro.

-Você fala muito bem português, seu sotaque é quase imperceptível.

Turner agradeceu. E inclinou-se para a janela da aeronave.

– Jesus, Mary, Joseph!

– Onde estamos?

– Chegando, respondeu Antonio Carlos.

– Que lugar lindo, parece que minha alma está cantando.

-Aquela estátua gigante é o Cristo Redentor. E ao fundo temos a baía de Guanabara e o Pão de Açúcar, disse Carlos.

– O Cristo Redentor está com os braços abertos sobre a Guanabara. Lindo.

– E aquela favela no morro é enorme.

Antonio Carlos concordou.

-É a cara do Rio de Janeiro. Muita pobreza. Quem mora no morro não tem vez.

Uma linda aeromoça inclinou-se sobre Turner e, olhando também para Antonio Carlos, perguntou:

Água? Refrigerante? Amendoim?

Que garota linda! Exclamou Carlos.

– Qual seu nome garota?

– Luísa, senhor.

– Vem cá, Luísa. Me dá tua mão. Você mora no Rio?

– Sim, em Ipanema.

– Caramba! Eu também. Que tal um drink no sábado?

– Ótimo! A gente se encontra no bar do Veloso.

Caminhando para o salão de desembarque, Marília alcançou Turner.

– E aí, como foi viajar ao lado do Tom Jobim?

Turner fez uma expressão de que não havia entendido.

– Você não é brasileiro, afirmou. Nem sabe quem é Tom Jobim.

– Sim e não. Ou o certo de se dizer é não e sim? O que eu perdi?

– Perdeu a chance de reconhecer o maior compositor de todos os tempos. Só isso. Talvez ele um dia escreva uma canção que descreva sua insensatez.

– Turner percebeu a gafe e se desculpou.

– De fato, eu não estou bem aculturado.

– E nem atualizado, observou Marília.

Esperaram Tom Jobim se aproximar.

– Desculpe Tom, eu não o conhecia e nem sabia da sua importância.

– Não tem problema, amigo. Mas sua punição será a devolução do meu charuto, por favor.

Marília se aproximou e esticou a mão.

– Prazer, Tom. Marília. Trabalho para United Press.

– Ora, não diga! Vai para onde?

– Vou ficar no Hotel Glória.

– Eu também, disse Turner.

– Eu também, disse Tom.

– Que tal rachar o táxi? Perguntou Marília.

– Sim! Disseram ao mesmo tempo Turner e Tom.

No táxi DKW-Vemag, Tom sentou-se no banco da frente e virando-se para Turner perguntou se ele morava no Brasil. E Turner responde que sim, mas temporariamente.

– Eu moro aqui mas estou mudando para Nova York, disse Tom.

– Mas o Rio não é melhor para se viver? Perguntou Turner.

– Olha, moço. Nova York é bom mas é uma merda. E o Rio é uma merda mas é bom.

Marília interferiu.

– Concordo, Tom. O inverno lá até dá para aguentar. Mas quando começa o degelo é pau é pedra para todo lado e os caminhos acabam.

E seguiram para o Hotel Glória.

Turner havia notado que Marília carregava um exemplar do New York Times.

– Posso ler o seu jornal?

– Saudades de casa? Toma, fica a vontade mas me devolve porque este é um exemplar histórico.

– É? Por quê?

Marília apontou para o artigo de Lewis Lee.

– Por isso?

Turner não conseguiu disfarçar o espanto. Como não tinha recebido informações sobre aquilo?

E, usando a técnica de leitura dinâmica que havia aprendido em um curso de leitura dinâmica, leu dinamicamente o texto e tirou a seguinte conclusão: vazou.

– Pura dinamite, não? É nisso que estou trabalhando.

– Nunca ouvi falar desse tal de Lewis Lee, observou Turner.

– É o pseudônimo do meu chefe, David Foster Belnap.

– Também não conheço, disfarçou.

John Turner imediatamente começou a arquitetar uma maneira de tirar proveito das informações de Marília, cujo estado civil tinha ficado claro pela aliança de ouro que usava no dedo anular da mão esquerda.

– Marília, que tal a gente jantar lá pela sete e trinta?

– Acho ótimo. Vou trazer uma amiga. Posso?

– Claro, por que não? Ela é interessante?

– Põe interessante nisso. Ela é linda, esperta, rápida, simpática e solteira.

– Acho que você está querendo me arrumar uma namorada.

– Imagina, respondeu Marília. Olha, a gente se vê mais tarde. Preciso fazer uma ligação.

Correu para o balcão do hotel.

– Preciso de um telefone, preciso de um telefone, preciso de um telefone. Repetiu Marília enquanto batia os dois pulsos fechados sobre o balcão.

Do outro lado da linha uma sensual voz feminina; Alô?

– Menina, te arrumei um partidão.

Gabriela caiu na gargalhada.

– Onde você está? Está no Rio?

– Estou no Hotel Glória. E você tem um jantar com o gringo mais lindo, másculo, educado e interessante que você poderia conhecer.

– Ah, não sei não, hoje é dia de meditação transcendental.

– Transcendental vai ficar a sua cara se você não aparecer. Sete e meia. Tchau.

Gabriela Moraes era estudante de Economia na Fundação Getúlio Vargas. Tinha 25 anos. Era filha da professora Maria Lúcia e do Capitão de Mar e Guerra José Mendes de Moraes.

Morava com os pais em uma mansão decadente no bairro de Alto da Boa Vista. Estudava e “fazia uns bicos para reforçar o orçamento”, como costumava dizer.

Capítulo 7.



Às sete e vinte, John Turner chegou ao restaurante do Hotel Glória e pediu uma mesa.

– Sozinho senhor?

– Não. Estou esperando algumas pessoas, respondeu Turner.

– Bebe alguma coisa?

– Sim. Um Dry Martini. Mexido, não batido. E não se esqueça da azeitona.

Mexendo ligeiramente o dedo indicador da mão direita dentro da fina taça de cristal que continha a bebida, continuou analisando o artigo do New York Times em busca de alguma pista que revelasse a fonte que Lewis Lee havia usado.

Marília, vestida sobriamente com um elegante vestido de corte vintage, se aproximou de Turner, que se levantou imediatamente, como convém a um cavalheiro fino e educado e puxou a cadeira à sua esquerda.

– Prefiro essa, se você não se incomoda, posicionando-se atrás da cadeira da direita.

Passou as mãos pela parte de trás do vestido e sentou-se elegantemente, como convém a uma dama fina e educada.

– O que você está tomando? Perguntou Marília.

– Dry Martini.

– Mexido ou batido?

Ambos soltaram uma deliciosa gargalhada.

– Já vi que você gosta do Ian Fleming. Constatou Turner.

– E você também, não é? Seu James Bond falso, mentiroso e dissimulado! Eu já percebi que aquela conversa de adido cultural que tivemos mais cedo é apenas um disfarce. Eu descobri que você trabalha na SEARS com meia dúzia de bisbilhoteiros da CIA, disse ela, com um sorriso malicioso nos lábios, enquanto o aroma de intrigas e segredos pairava no ar.

– Vamos abrir o jogo, então? Meu chefe na UPI me alertou que alguém da CIA poderia se aproximar de mim.

– Na verdade foi coincidência. Mas feliz. E eu também já sei tudo sobre você. Falando nisso, como vai o CW?

Outra gargalhada.

– Eu tenho uma proposta para você. Emendou Turner.

– Hum. Interessante. Prossiga.

– Que tal ganhar dez mil dólares?

- Quem eu preciso envenenar?
- Ninguém.
- Que tal vinte?
- Você é terrível! Que tal quinze?
- Fechado. Olha lá a Gabriela.

Fez-se um silêncio sepulcral.

Gabriela entrou no restaurante do Hotel Glória como uma visão de elegância e sofisticação. Seus cabelos ruivos, escuros e sedosos caíam em ondas suaves sobre seus ombros, realçando a delicadeza de seu rosto. Seus olhos, profundos e enigmáticos, brilhavam com uma luz própria, como se guardassem segredos do passado e do futuro.

Ela usava um vestido impecável, cujo corte lembrava as influências da moda da eterna primeira-dama dos Estados Unidos, Jacqueline Kennedy. O vestido era feito de um tecido luxuoso que se derramava em pregueados suaves ao redor de seu corpo, acentuando sua figura esbelta. A cor, um tom suave de rosa pálido, contrastava com a sua pele bronzeada, criando um contraste magnífico.

Um colar de pérolas, iguais à dos brincos, adornava seu pescoço, cintilando à luz suave do restaurante. Ela segurava uma pequena bolsa de mão com um toque de sofisticação vintage. No braço esquerdo uma pulseira de pérolas iguais as pérolas do colar porém menores. Um pequeno e fino relógio

Cartier Santos no pulso direito completava os adornos. Cada passo que ela dava parecia uma dança, e seu porte era digno de uma princesa de um conto de fadas.

John Turner ficou tão surpreso ao ver Gabriela se aproximando que sua boca se abriu lentamente, como se estivesse em câmera lenta, e seu queixo caiu gradualmente até quase tocar o chão. Era como se ele tivesse sido cativado por um encanto irresistível. Seus olhos se arregalaram, e por um momento, ele pareceu ter perdido a capacidade de falar. Gabriela era perfeita, tinha o poder de deixá-lo completamente sem palavras.

Marília, ao notar a reação de John, soltou uma risada suave e disse: “Parece que você ficou completamente sem palavras, John.” Sua voz trouxe John de volta à realidade, e ele finalmente conseguiu recuperar a capacidade de falar, expressando sua admiração pela beleza e elegância de Gabriela naquela noite.

John puxou a cadeira e Gabriela sentou-se à sua esquerda.

– Chega mais perto moço bonito, disse Gabriela sorrindo.

John Turner contemplou a intrigante possibilidade de empregar os serviços de Gabriela como uma isca sedutora, destinada a atrair os conspiradores para sua teia. A ideia pairava em sua mente como uma tentação irresistível, onde beleza e astúcia se entrelaçavam em um jogo de xadrez perigoso, onde cada movimento podia ser fatal.

Alternativa seria, simplesmente, propor-lhe casamento.

Capítulo 8.



O plano estava traçado. Marília, Turner e Gabriela, sob os mais diversos disfarces e identidades, partiram para a arriscada missão de se aproximarem dos principais alvos da OPERAÇÃO SILÊNCIO PROFUNDO. Eles sabiam que essa etapa era crucial para o sucesso da empreitada, pois precisavam conquistar a confiança de figuras influentes da política e da mídia brasileiras, oferecendo recursos para a conspiração que pretendia tomar o poder e instaurar uma ditadura militar no Brasil.

A primeira abordagem aconteceu com Gabriela, que desempenhava o papel de relações-públicas da GENERAL ELECTRIC. Com sua beleza cativante e seu jeito carismático, ela conseguiu se aproximar de Carlos Lacerda, o influente político e jornalista. Em um evento social, ela iniciou uma conversa sobre os desafios enfrentados pela GE e a importância de apoiar empresas instaladas no país. Lacerda, sempre atento aos acontecimentos políticos, demonstrou interesse e aceitou um convite para um encontro posterior.

Marília, por sua vez, se apresentou como correspondente da UPI e mirou em Roberto Marinho, o poderoso magnata da mídia. Após uma coletiva de imprensa, ela questionou Marinho sobre o papel da mídia na formação da opinião pública. Marinho, um homem astuto, elogiou o jornalismo independente da UPI e prometeu colaborar, mas recusou qualquer tipo de ajuda financeira. Contudo, insinuou que aceitaria uma parceria com algum grupo da mídia norte-

americana, como o grupo TIME-LIFE. Marília balançou a cabeça consentindo e concordando com a sugestão.

Turner, como adido cultural dos Estados Unidos, buscou se aproximar de Antonio Carlos Magalhães, um político influente no estado da Bahia. Durante uma recepção oficial, ele mencionou a importância da cultura como ferramenta diplomática e sugeriu que Magalhães procurasse Golbery do Couto e Silva, o coordenador civil e militar das operações no Instituto Brasileiro de Ação Democrática, para discutir possíveis parcerias.

Com o propósito de registrar provas fotográficas e de áudio, a equipe da SEARS se deslocou para um pequeno apartamento no bairro de Ipanema, no Rio de Janeiro. O local também abrigava o Bar do Veloso, na Rua Montenegro, 49. Eles trouxeram consigo uma verdadeira parafernália de equipamentos de espionagem, todos de última geração. Além disso, uma mala com dez milhões de dólares estava à disposição para financiar o golpe.

No apartamento, eles criaram um ambiente para coletar provas comprometedoras. Câmeras fotográficas, gravadores de áudio e microfones estavam estrategicamente posicionados em inúmeros lugares. Documentos falsos foram criados para simular evidências de corrupção e outros crimes que pudessem coagir os alvos a colaborar com a OPERAÇÃO SILÊNCIO PROFUNDO.

Porém, à medida que a equipe vasculhava o Banco do Brasil e outras entidades em busca de provas incriminadoras, ficou evidente que suas investigações não estavam rendendo os resultados esperados. A corrupção e os segredos dos alvos eram

bem guardados, e nenhuma evidência convincente foi encontrada.

A OPERAÇÃO estava em um impasse, e a pressão para obter colaboração dos alvos crescia. O destino do Brasil estava nas mãos desses jogadores, e o relógio continuava a contar. A equipe sabia que precisava de uma reviravolta para alcançar seus objetivos e garantir o sucesso da operação.

A reunião entre John Turner e a equipe da SEARS – Kate Jones, David McDonald e William Toledo, aconteceu no apartamento da Rua Montenegro, 47. Turner sabia que precisava da contribuição de cada um deles para avançar na OPERAÇÃO SILÊNCIO PROFUNDO.

Turner, com uma expressão séria, observou:

-Precisamos discutir nossos próximos passos. Nossas abordagens iniciais não renderam os resultados esperados. Carlos Lacerda, Roberto Marinho e Antonio Carlos Magalhães, todos se mostraram relutantes em colaborar.

– Isso não é exatamente um problema, John. Mesmo com o apoio apenas parcial deles, nossa operação não fica comprometida, disse Kate.

– Um minuto por favor, interrompeu David McDonald.

– Eu não sei vocês, mas eu não passo mais uma noite neste lugar.

– Os únicos dias em que se consegue dormir é Domingo e Segunda-Feira. Nos outros dias não dá. Na terça um certo João dedilha um violão até suavemente. Mas canta letras que eu não consigo entender e fica o tempo todo reclamando da temperatura do ar-condicionado. Mas duro mesmo é sexta e

sábado. Tem mais gente fora do que dentro do bar para assistir uns tais de Tom e Vinícios, aplaudidos por vários minutos após cada canção. Repletas de diminutos e dissonantes, diga-se.

– Ok. Já providenciei um lugar mais confortável para vocês. Podem mudar amanhã, se quiserem, disse apropriadamente Turner.

John Turner havia alugado a ala esquerda do quinto andar do Hotel Glória.

David continua.

-Talvez devêssemos considerar abordagens mais diretas, menos agressivas.

David McDonald, sempre pensativo e o mais concentrado do grupo, acrescentou que, para alguns deles, o reconhecimento popular seria mais importante do que compensações financeiras. E citou, como exemplo, a pretensão de ACM de se tornar ministro no novo governo que assumiria o poder.

– E Marinho deixou claro que uma parceria com a TIME tornaria O GLOBO uma potência da mídia nacional, William observou.

Turner, em tom conciliatório e balançando a cabeça positivamente, disse:

– William tem razão. Não queremos dar motivos para que eles se voltem contra nós. Mas precisamos atender aos pedidos que já temos. Ideias?

Kate, pensativa. Acrescentou que seria uma boa ideia discutir as pretensões de ACM com Golbery.

– E passamos para a Matriz (a forma com se referiam à sede da CIA em Langlay, Virginia) a questão GLOBO/TIME.

– Então, é isso que faremos. Mas também vamos focar nas fraquezas pessoais de nossos alvos. Encontrem qualquer coisa que possamos usar a nosso favor, se for o caso.

A equipe da SEARS concordou com a abordagem proposta por Turner. Sabiam que estavam diante de um desafio complexo, mas estavam determinados a alcançar seus objetivos na OPERAÇÃO SILÊNCIO PROFUNDO. O destino do Brasil estava em jogo, e eles estavam dispostos a arriscar tudo para garantir o sucesso da missão.

Turner passou para Gabriela a tarefa de contatar os principais jornais e rádios do Rio, São Paulo, Minas, Pernambuco e Rio Grande do Sul, oferecendo anúncios da GE em troca de apoio à operação.

Gabriela pediu a Mauro Salles, em nome da GE, que a agência Standard Propaganda cuja filial em São Paulo fica na Rua Augusta número 2676 se encarregasse de uma campanha nacional contratando as seguintes mídias (aquelas de interesse da operação):

O Estado de São Paulo
Folha da Manhã
Última Hora

O Globo
Jornal do Brasil (JB)
Diário de Notícias
O Dia

Estado de Minas
Diário da Tarde

Diário de Pernambuco
Jornal do Commercio

A Tarde
Jornal da Bahia

As matérias de interesse da operação seriam fornecidas pela UPI através de Marília.

Capítulo 9.



Mauro Santana, cubano, ex-soldado de Fidel Castro, e seu amigo Alexei Puniac, codinome Pedro, agente da STAZI mas a serviço da KGB, cuja missão era armar a esquerda radical, não sabiam que receberiam uma visita inesperada naquela noite.

Mauro e Pedro, conversando animadamente, entraram no apartamento 116 da Rua Tonelero, 131 em Copacabana e se depararam com Turner sentado confortavelmente em uma elegante poltrona de caxemira bege claro.

– Boa noite, disse Turner.

Passada a surpresa inicial disse Pedro:

– Eu sei quem é você. A CIA não tem jurisdição aqui.

– É. Mas eles têm.

Entraram 3 homens vestindo terno preto e gravata também preta sobre as conhecidas camisas Volta Ao Mundo da marca VALISÉRE, que não se precisa passar. E uma morena maravilhosa de saia preta justa com comprimento pouco acima do joelho e camisa de lingerie branca abotoada do segundo botão para baixo, o que fazia com que o lado esquerdo pendesse para baixo deixando aparecer um pedacinho da renda do sutiã também branco e sapatos de salto alto pretos. Brincos de bolinha de ouro e uma corrente fina com a imagem do Sagrado Coração combinavam com o pequeno relógio de

pulseira também de ouro no pulso do braço esquerdo. Dana podia passar por aeromoça, advogada ou policial, menos professora. Todos eram agentes da Polícia Federal, lotados na Alfândega do Porto do Rio de Janeiro e portavam revólveres Smith & Wesson calibre 38 de seis munições.

Silêncio geral. John, Pedro e o cubano olharam ao mesmo tempo para Dana e ficaram paralisados.

Pedro se refez.

– O que você quer, perguntou.

– Quero colaborar com o seu pessoal. Você sabe quem.

– Como?

– Armas e dinheiro, disse Turner.

– Qual o propósito?

– Jogar gasolina no incêndio. Estou autorizado a entregar-lhe 500 fuzis Mauser 1908 com dez mil munições e um milhão de dólares.

E o que mais?

– Cem mil dólares para o seu amigo aí e quinhentos mil dólares para você e aquela sua namorada comunista que trabalha na SEARS, referindo-se a Katia Duarte, vendedora da seção de cama, mesa e banho.

Aceita, aceita por favor, disse Mauro Santana.

– Fechado!

– Você só receberá o pagamento quando a operação for concluída. Quero uma lista dos destinatários dos pacotes, com nomes e endereço de entrega.

– Quem vai entregar?

– Você vai entregar. Vou passar a instrução oportunamente. Levantou-se e, antes de sair, disse.

– E nada de bancar o esperto. Você está sendo seguido e monitorado. E acredite, não vai querer ser preso pela polícia política do novo governo, disse Turner profetizando.

Às seis horas da manhã do dia 2 de março de 1964, segunda-feira, três caminhões Chevrolet equipados com carrocerias de alumínio, cheirando fortemente a camarão e pingando água sobre os pneus traseiros e evaporando a névoa peculiar do gelo seco, partiram do porto do Rio de Janeiro por uma rota preestabelecida que passava pela Rua Visconde de Inhaúma, virava à esquerda na Avenida Rio Branco e novamente à esquerda na Rua Teófilo Otoni. Dentro de cada um deles, sob as caixas de camarão congelado, caixotes de madeira acomodavam fuzis, munição, granadas e morteiros.

No meio da quadra, na Rua Teófilo Otoni o primeiro caminhão foi fechado por dois automóveis. O terceiro caminhão foi bloqueado por uma camionete Chevrolet 3100 cor verde-água e capota de cor clara, quase branca. O motorista

engatou marcha a ré mas teve juízo bastante para desistir da tentativa.

Da camionete desceram dois dos três homens. Dos DKW-Vemag outros 4 homens de um total de oito. Todos de rostos cobertos por lenços pretos e carregando mortais fuzis AK-47, que dispensam apresentação.

Não fosse pela ausência de fardas, era uma autêntica operação militar desempenhada por gente experiente e bem treinada.

Sem a resistência dos motoristas, que desceram imediatamente, em menos de cinco minutos cada um dos caminhões seguiu o seu destino. Os automóveis de assalto perderam-se no trânsito da cidade.

Um caminhão foi para Minas Gerais, outro para a zona norte do Rio e o terceiro para o município de Praia Grande em São Paulo iniciando o percurso na Rodovia Presidente Dutra.

John Turner, de longe, acompanhava o caminhão que se dirigia a São Paulo, tomando o cuidado de nunca parar em um mesmo posto de abastecimento que o caminhão; parava no posto seguinte e aguardava até que o caminhão passasse. No total foram 6 paradas, quatro na Via Dutra e duas na Via Anchieta, que ligava São Paulo ao litoral sul do estado.

Designou outros agentes para acompanharem os outros não menos importantes veículos.

Em determinado ponto da viagem, perto das 17 horas, chegaram ao posto da Polícia Rodoviária em Praia Grande-SP, A PR é uma entidade independente que cuidava da fiscalização

das estradas no Estado de São Paulo. Um policial vestindo farda de cor bege, botas de couro de cano alto marrom e um elegante quepe da mesma cor da farda e que ostentava o brasão de armas de São Paulo, sinalizou para que o caminhão parasse. John Turner passou direto e parou alguns metros adiante, abrindo o capô do Bel Air.

O condutor sinalizou com o braço esquerdo apontando para o lado direito do caminhão que, todos sabem, indica que vai virar ou parar à direita. Estacionou o caminhão no lugar indicado pelo guarda.

-Boa tarde disse o policial Roberto, conforme a etiqueta de identificação em sua camisa. Habilitação, documentos e manifesto da carga, por favor.

Rui, o motorista, com toda a documentação falsa e bem atualizada, entregou para o policial.

- Que bom! Tudo em ordem. Posso ver a carga?

- Claro! À vontade, disse Rui.

Rui abriu a porta traseira da carroceria. O cheiro mais repugnante que já havia sentido se espalhou pelo ar, fazendo com que ele, o policial e seu companheiro de viagem Ivo vomitassem todos ao mesmo tempo. Verdadeira cena de horror.

O ocorrido foi um pouco mais cruel com Ivo que, como não precisaria conduzir o caminhão, refastelou-se com uma feijoada completa, torresmo, cachacinha e cerveja Brahma no

restaurante Frango Assado do Posto Shell do quilômetro 168 da Via Dutra, no município paulista de Roseira.

Ao longe, John Turner teve um ataque de riso por causa daquela cena grotesca e quase feriu a mão ao fechar o capô do Bel Air que havia aberto para disfarçar sua presença.

– Tira essa porcaria daqui! Disse o policial Roberto enquanto limpava da melhor maneira possível o vômito que se espalhou sobre sua camisa, botas e a própria a boca com um lenço de puro linho da marca PRESIDENTE.

Rui subiu imediatamente no caminhão, girou a chave e deu partida no motor, que custou um pouco a pegar devido ao calor escaldante. Engatou a primeira marcha e seguiu pela praia.

Não havia estrada que levasse diretamente ao destino, aliás secreto. Era preciso viajar pela praia, evitando córregos naturais, um ou outro tronco de árvore e as ondas da maré. O ponto de referência era uma placa retangular de madeira, pintada de preto com os dizeres em branco “COLONIA DE FÉRIAS DO SINDICATO DOS METALÚRGICOS” e com o desenho tosco de uma seta que apontava para uma estradinha no limite entre a areia da praia e a floresta da Mata Atlântica.

John Turner havia estacionado o Bel Air próximo da arrebentação, aguardando a passagem do caminhão. Turner ouviu o som de uma sirene, dessas usadas pela polícia de Chicago, Illinois nos anos 1930 quando em perseguição de bandidos pela Michigan Avenue. Ficou observando. E notou

que se tratava do caminhão sendo perseguido pelo Sinca amarelo com faixas e capota preta da Polícia Rodoviária.

Turner ligou o Bel Air e pensou em seguir para o sul até encontrar o local de entrega da carga do caminhão. Preferiu, entretanto, seguir para o norte, passar pelo caminhão e pela polícia, retornar e seguir ambos de longe, apenas observando o desenrolar do episódio.

Quando manobrou e pôs o Bel Air em movimento, levou um susto que o fez colar no encosto do banco do automóvel. Dois caminhões enormes do exército, de capotas de lona verde, com 20 soldados ou mais em cada um, passaram em alta velocidade fazendo o Bel Air balançar.

Turner seguiu os caminhões acelerando o mais rápido possível.

Mas eis que uma enorme nave espacial foi surgindo à sua frente, rumo norte. Passou um pouco mais rápido do que a velocidade que imprimia ao Bel Air.

Era, sem sombra de dúvida, um disco voador que media, no mínimo, 30 metros de diâmetro, muito parecido com aqueles mencionados em várias das reuniões das quais havia participado na sede da CIA.

Turner freou o Bel Air, pegou sua máquina fotográfica Kodak Instamatic no porta-luvas do carro e disparou várias vezes, assegurando-se de que havia obtido boas imagens.

À medida que a nave se aproximava, o Sinca da polícia começou a flutuar e seguiu a nave como se houvesse um

cordão preso a ela, em direção ao norte. Nesse momento o caminhão da entrega passou por Turner a toda velocidade. Os caminhões do Exército aumentaram a velocidade e passaram a perseguir o disco voador. Turner deu meia volta e passou a seguir o caminhão de entrega rumo sul, dessa vez sem o incômodo da perseguição policial.

O Sinca pousou suavemente ao lado do posto policial exatamente no lugar utilizado pelos policiais como garagem. Dentro, dois assustados policiais estavam abraçados um ao outro, em uma cena que demonstrava, ao mesmo tempo, pânico, segurança e paixão, por que olhavam fixamente nos olhos um do outro.

Mal o Sinca assentou no piso da garagem, dois homens vestindo terno preto, chapéu preto e gravata preta sobre camisas Volta ao Mundo e que pareciam gêmeos, abriram ao mesmo tempo cada um uma das portas dianteiras do Sinca e puxaram, também ao mesmo tempo, os policiais para fora do carro. Segurando os policiais pela gola da camisa com as duas mãos, disseram ao mesmo tempo:

– Vocês não viram nada, não vão contar nada para ninguém, nem para sua família porque, se fizerem isso, vamos contar para todo mundo que são namorados. Entenderam?

Os policiais apavorados consentiram.

O disco voador passou por cima dos homens de preto, que acenaram. Fez um movimento de 90 graus e outro de mais 90 graus instantaneamente, quebrando todas as leis conhecidas da física. Seguiu pela praia na direção sul.

A nave desceu do céu em velocidade tal que era impossível saber e parou na frente do Bel Air. Turner freou bruscamente. A nave girava lentamente em torno de si mesma piscando uma profusão de luzes de todos os tamanhos e cores difusas. Turner abriu a porta do Bel Air e colocou o pé esquerdo para fora protegendo os olhos para enxergar melhor aquela que seria a visão mais extraordinária com a qual havia se deparado e que jamais esqueceria.

Na parte inferior da nave, uma rampa começou a descer até o chão. Turner saiu do carro e caminhou até ela. Uma forte luz saiu de dentro da nave mas Turner, mesmo assim, conseguiu distinguir a silhueta de uma mulher curvilínea, esbelta e de seios fartos. Turner não teve tempo de expressar sua surpresa. E então ela disse:

– Que cheiro é esse?

Turner apagou.

O caminhão que viajou para Minas Gerais pela Rodovia Rio-Petrópolis entregou sua carga na cidade de Governador Valadares mas depois foi apreendido pela vigilância sanitária.

Desatento, William Toledo perdeu de vista o terceiro caminhão que havia seguido pela Avenida Brasil. Depois de algumas horas localizou o veículo no box de lavagem de um posto de gasolina. A carroceria estava aberta e a carga havia sumido. Atrás do posto um grupo fazia churrasco de camarão, outro enterrava as caixas de camarão deteriorado e um terceiro vendia fuzis e munições às pessoas que haviam formado fila na frente de um caixote com uma tabuleta com os dizeres “leve 3 pague 2”.

Capítulo 10.



Três dias após o evento da abdução ocorrido em Praia Grande o telefone toca e acorda Turner que, ato contínuo, puxou de debaixo do travesseiro sua pistola Beretta 418 calibre .25 e apontou para o telefone.

Com a pontinha do dedo indicador, que ainda segurava a Beretta, Turner tocou atrás da orelha esquerda, que era bem formada, pequena e rente à cabeça e notou que havia três pequenas protuberâncias, como pequenas verrugas que formavam um triângulo equilátero.

John Turner lembrava-se apenas de fragmentos de um sonho em que participara de uma orgia com um grupo de ninfas sádicas.

Uma mão esquerda masculina, branca, de unhas bem aparadas e sem pelos, levanta o fone do aparelho.

– Diga que está tudo bem e que você retorna a ligação mais tarde, disse o sujeito vestido de preto sentado em uma cadeira ao lado de sua cama enquanto afastava a Beretta de Turner com a mão direita.

Era Gabriela.

– Está tudo bem. Ligo depois, disse Turner sem tirar os olhos do homem vestido de preto que estava acompanhado por outro que parecia ser seu irmão gêmeo.

– Quem são vocês, perguntou.

– Somos os homens de preto. Você agora participa de um estudo intergalático e estamos aqui para protegê-lo, respondeu o homem de preto mecanicamente.

– O que aconteceu, perguntou Turner.

– Você fecundou nove mulheres alienígenas do planeta K-122, como vocês chamam por aqui. O propósito é criar uma raça híbrida.

– De quem eu preciso ser protegido, da CIA?

– Também. Mas também descobrimos que oito das suas nove novas esposas pretendem raptá-lo e levá-lo para K-122. Uma delas até sugeriu criar uma comunidade chamada Turnerland onde você será professor do curso “Como se tornar um homem irresistível”. Mas, nesse caso, a culpa é toda sua. Aliás, parabéns.

– E quanto a operação que estou chefiando?

– Siga com seus planos. Mas não se assuste se nos vir por perto. Precisamos proteger seu saber a qualquer custo, para o bem da Federação Galáctica.

– Quê? O que é a “Federação Galáctica”?

– O termo é autoexplicativo. Mas você se tornou membro, compulsoriamente. Aqui está sua carteirinha que é, também, seu passe.

– Acostume-se e esteja sempre alerta. E não comente.
E desapareceram.

Turner ponderou que deveria ser um sonho.

Alguém bateu à porta. Ao se levantar, Turner notou que havia, ao lado do aparelho telefônico, dentro de uma carteirinha de plástico um cartão com um logotipo de um “A” estilizado em formato de delta e um círculo azul no meio, cujo título dizia “Federação Galática”.

Era David.

Abriu a porta meio cambaleante. David o segurou pelos ombros.

– Que bom que você está bem. O que aconteceu?
Perguntou David.

– Nem vou contar, você não vai acreditar.

– Tente, disse David olhando para a carteira ao lado do telefone.

Turner contou o ocorrido coçando a orelha esquerda com a mão direita de vez em quando.

O que você tem na orelha? Posso ver?

David olhou atrás da orelha de Turner e depois mostrou a sua.

-Você também?

Puxou do bolso a sua própria carteira da Federação Galática e mostrou a Turner.

-Não sei se comemoro com uma festa ou me escondo embaixo da cama, refletiu Turner.

Capítulo 11.



Investigadores do serviço secreto da marinha brasileira descobrem a conspiração.

Naquela manhã chuvosa de 3 de março de 1964, Turner recebeu uma mensagem na caixa postal 19: “Restaurante Itamarati, dia 22, 11 horas.”

O Itamarati é um restaurante ao estilo dos pubs ingleses, é conhecido por sua atmosfera elegante e pelo ambiente refinado que oferecia aos seus clientes. É um local frequentado por pessoas da alta sociedade paulistana, políticos, banqueiros, empresários e artistas, o que contribuía para seu prestígio. Ali pode-se apreciar coquetéis clássicos e uma seleção de vinhos e destilados de alta qualidade. Também serve petiscos e pratos sofisticados para acompanhar as bebidas, com destaque para a coxa de frango empanada.

Turner conversou com a equipe sobre a conveniência de ir ou não. Afinal, ele era um adido cultural apenas.

Resolveram que deveriam ir. Kate e William chegariam alguns minutos antes e ficariam estrategicamente posicionados em uma mesa de onde se poderia observar todo o ambiente.

Turner observou que, fosse qual fosse o assunto, ficaria no máximo até as 13 horas, porque tinha uma reunião com o pessoal de comando da Federação Galáctica.

John Turner cumpriu disciplinadamente sua rotina na manhã seguinte. O tempo estava medíocre mesmo para uma manhã de final de verão.

Chegou ao Itamarati pontualmente às dez horas e cinquenta minutos. Escolheu uma mesa, puxou a cadeira e sentou-se. Kate e William já haviam chegado. Kate apontou com a cabeça uma mesa onde estavam dois homens. William apontou com a cabeça uma mesa onde estavam outros dois homens.

Dois dos homens se levantaram e caminharam até a mesa onde estava Turner.

– Bom dia senhor Turner, disse o mais alto deles.

– Podemos?

– Turner assentiu sem dizer nada.

– Somos do serviço secreto da Marinha do Brasil.

– Posso ver suas credenciais, perguntou Turner.

– Claro, está aqui, respondeu o homem mais baixo enquanto abria o paletó e exibia suas credenciais; uma pistola Browning GP35 de fabricação Belga.

– Fique tranquilo senhor Turner, somos os mocinhos.

– Viemos convidá-lo para um encontro informal com o Almirante Rademaker. O senhor aceita?

– Quem mais irá, perguntou Turner.

– Não sabemos. Mas, se houver mais alguém, garantimos que serão aliados.

– Onde?

– No Mosteiro de São Bento.

– Eu não sou católico.

– Nem o Almirante. Esteja lá pontualmente as oito e trinta. Dirija-se à Capela do Santíssimo Sacramento. Sente-se no banco à direita do altar.

– E vista isso, disse o homem mais alto entregando um pacote do tamanho de uma mala pequena, embrulhado em jornais velhos e amarrado com barbante de algodão branco.

Levantaram-se e foram embora.

Kate e William se juntaram a John Turner.

– O que tem no pacote, posso ver, perguntou a sempre curiosa Kate.

Turner assentiu e Kate abriu cuidadosamente o pacote. E ao identificar o conteúdo, caiu na gargalhada.

– O que é, perguntaram Turner e William ao mesmo tempo.

E caíram todos na gargalhada. O pacote continha nada menos que uma batina de frade franciscano, de cor marrom desprezível.

-Eu vou junto, disse Kate.

-Eu também, disse William.

Como combinado, no dia 10 às oito e trinta, um John Turner meio embaraçado e desconfortável metido naquela batina que deveria ter pertencido a alguém bem mais baixo que ele, sentou-se no banco da direita em frente ao altar da Capela do Santíssimo Sacramento do Mosteiro de São Bento.

Alguns coroinhas que passavam por ali em preparação do altar para a missa que em breve se iniciaria, cochichavam, riam e olhavam para os pés de Turner que exibiam suas meias brancas de algodão, seus sapatos de amarrar impecavelmente brilhantes e uma boa parte de suas canelas nuas e pálidas.

– Irmão John? Por favor vá até o Confessionário, disse uma voz masculina firme e com um ligeiro sotaque espanhol. Era o Irmão Paco.

Turner levantou-se e girou a cabeça à procura do Confessionário.

– Ali irmão, disse o Irmão Paco apontando para uma magnífica peça entalhada no mais puro Jacarandá da Bahia que parecia ser um portal para o sagrado.

Turner se dirigiu ao Confessionário e ajoelhou-se.

– Padre, perdoa-me porque eu pequei, lembrando-se do comportamento dos fiéis que havia visto em algum filme católico produzido na Itália no início dos anos 1960.

Dentro do Confessionário, Augusto Rademaker tirou o lenço e passou a enxugar as lágrimas de tanto rir. Turner ficou impassível.

– Olha meu filho, quero agradecer em nome dos patriotas da nação e pedir-lhe para entrar em contato com a gerência para tratar de duas coisas: a “Operação Brother Son” e a campanha “Ouro para o Bem do Brasil”. Nosso “Dia D” será em 31 de março. Posso contar com sua colaboração?

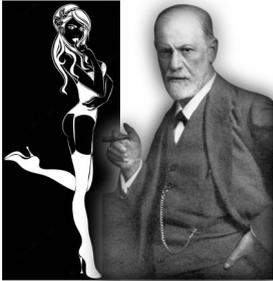
Turner, ainda meio aturdido, balançou a cabeça em sinal de positivo.

– Posso contar contigo?

Turner percebeu que o interlocutor não podia vê-lo e respondeu positivamente; sim padre. Levantou e caminhou até a saída da capela quando foi abordado por um coroinha de uns 10 anos de idade, vestindo uma batina vermelha sob a túnica branca.

– Padre, está tudo pronto para o senhor celebrar a missa.
– Sei, respondeu. E foi embora.

Capítulo 12.



Ao saber da precária situação emocional de Turner, Gabriela viajou a São Paulo para ajudar, de alguma maneira, o seu pretenso consorte.

Chegou ao prédio onde Turner morava, na Avenida Nove de Julho, dirigiu-se ao balcão da portaria, apoiou os braços exibindo o decote e seu maravilhoso conteúdo e pediu ao porteiro que a deixasse subir ao apartamento de Turner sem avisá-lo, porque sua noiva queria fazer-lhe uma surpresa.

Sem tirar os olhos daqueles dois montes de desejo, pegou um pedacinho quadrado de papel, escreveu com seu lápis preto sextavado da marca Faber-Castell; 4, traço 44 e levantou até a altura dos olhos da divina que seguiu até a porta do elevador e parou em uma provocante posição, firmando o corpo escultural na perna esquerda e estendendo a perna direita.

No seu íntimo, o porteiro imaginou como seria bom se um dia Gabriela fosse morar lá para propiciar-lhe novas fantasias e novos enredos eróticos.

Ao som da campainha da porta de entrada do apartamento, Turner caminhou até a porta e espiou pelo olho mágico. Deu um solavanco para trás por conta do susto que tomou. Virou, olhou para sala. Virou de novo e olhou para a

porta. Fez menção de destrancar a porta. Voltou-se novamente e, finalmente, destrancou e abriu a porta.

Durante o período de indecisão de John, Gabriela havia desabotoado seu comportado vestido azul de céu primaveril exibindo um lindo conjunto de sutiã rendado e bordado, calcinha cujas rendas faziam a maior parte da peça e que exibiam discretamente esperados pelos ruivos. Meias ligas presas por fitas elásticas ajustáveis e presas à cintura da calcinha, e sandálias brancas de saltos altíssimos.

Segundo a imaginação de Turner, aquela imagem era nada menos que uma manifestação da divindade que se podia tocar, um exemplo visível da obra do Divino.

O ambiente do apartamento era acolhedor e confortável, mas a tensão entre eles estava quase palpável. O que viesse a seguir era incerto, mas eles tinham certeza de que a noite seria inesquecível porque eles estavam se amando de verdade.

Enquanto desfilava pelo quarto vestindo apenas uma camisa social de John Turner com apenas dois botões abotoados, Gabriela revelou seu plano, junto com David McDonald, de submetê-lo a uma seção de terapia com um famoso e competente psicanalista indicado pela NASA.

Gabriela ficou surpresa e feliz com a concordância de Turner.

Desde o episódio de sua abdução, John Turner tinha sonhos frequentes com alienígenas ninfomaníacas e, às vezes, com coletores de sêmen. E era normal despertar totalmente esgotado e confuso, o que acabou por interferir no seu trabalho.

Uma incômoda conjuntivite o levava a coçar os olhos frequentemente. Mas isto já havia sido explicado pelo Doutor Moacyr Álvaro, seu oftalmologista; nem todos que têm conjuntivite foram abduzidos, mas todos os abduzidos têm conjuntivite.

A NASA, que havia acompanhado de perto o episódio da abdução de Turner, ofereceu os préstimos de um psiquiatra especializado em bisbilhotar o subconsciente das pessoas traumatizadas por tais eventos.

O Dr. John E. Exner se prontificou a viajar ao Brasil para examinar Turner desde que não houvesse urgência porque iria de navio pois não subia em um avião nem sob a mira de um revólver.

Exner era especialista em aplicar o “Teste de Rorschach”, uma terapia que leva o paciente a revelar, se bem conduzido, eventos geralmente traumatizantes, gravados em seu subconsciente.

Em data e local exatos não revelados – por tratar-se de assunto de interesse da segurança nacional americana – a NASA com a colaboração da CIA executou a “OPERAÇÃO JOHN JOHN”. Também por razões de segurança a identidade de Turner não foi informada ao psicanalista. E o encontro aconteceu.

No coração de uma boate noturna decadente, transformada secretamente em um cenário de terapia pela NASA, o Dr. John e John, o paciente, embarcaram em uma jornada psicanalítica única. O ambiente era uma mistura de

psicodelia e mistério, onde o profano e o sagrado se entrelaçavam de maneira incompreensível mas alucinante.

Uma poltrona velha de veludo marrom desbotado, colocada no centro do salão de dança, era adornado com um tecido vermelho exuberante, contrastando com a atmosfera sombria do local. À sua volta, luzes cintilantes e neons multicoloridos projetavam sombras dançantes nas paredes de veludo vermelho, criando um cenário de sonhos e ilusões.

Garotas nuas, dançando com graça e sensualidade, pareciam ser figuras etéreas, cujos movimentos eram um complemento estranho e belo para a terapia que acontecia ali. Cortesãos, boêmios e bêbados, antes entregues à sua própria busca por prazer e escapismo, agora observavam com olhares perplexos a cena que se desenrolava diante deles.

O Dr. John, sentado em um banquinho desses de apoiar os pés que fazia conjunto com a poltrona usada por Turner, com seu olhar perspicaz e penetrante, continuava a hipnotizar John, o paciente, em meio ao turbilhão de cores e sons. Enquanto as palavras ininteligíveis fluíam, a música da boate, uma melodia hipnótica e misteriosa, fundia-se com o discurso, criando uma trilha sonora única para essa terapia incomum.

O Dr. John perguntou: em que época você está?

Turner respondeu. Data Estelar 84.74.1, no que o Dr. John, olhando para seu flanco esquerdo cruzou seu olhar com o olhar de um dos agentes, que tirou os fones de ouvido da marca Koss, franziu a testa, abriu as mãos com as palmas para cima em um gesto de “não entendi nada”.

- Qual o seu trabalho? Perguntou o psicanalista.
- Oficial da Guarda Imperial.
- Onde? Quis saber o agora curioso Dr. John.
- No planeta Nabú.

O aroma de incenso exótico misturava-se com o cheiro de cigarros e álcool, criando uma atmosfera intoxicante e onírica. O relógio de parede, com seus pêndulos dourados, parecia balançar no ritmo da dança, marcando o tempo de forma inconstante, como se estivesse suspenso entre o mundo da realidade e da fantasia.

As barreiras entre o consciente e o inconsciente pareciam desmoronar, revelando as verdades ocultas que John mantinha escondidas, enquanto a boate continuava a girar em um eterno ciclo de decadência e redenção, como se a própria vida e o cosmos estivessem dançando em sintonia.

O Dr. John levantou-se do banquinho, soltou o cinto, desabotoou a braguilha e enfiou as franhas da camisa dentro das calças, fechou a braguilha e ajustou o cinto.

– Desisto, disse.

Mas alguém alertou o doutor de que precisava despertar John do estado de hipnose.

– Pois não. John, quando eu contar até três você despertará e não se lembrará de nada do que conversamos.

– Um, dois.

E um apagão aconteceu, deixando o ambiente na mais aterrorizante das trevas.

-Três, completou o doutor.

Turner despertou e disse.

– Estou cego, estou cego!

A energia foi imediatamente restabelecida e a seção foi encerrada.

No íntimo de seus pensamentos, Gabriela observou que entendeu finalmente o por que daqueles lugares serem chamados de ”inferninho”. E que o pai de santo do seu terreiro de Umbanda que frequentava, certamente diria tratar-se da própria casa do capeta.

Capítulo 13.



Na efervescente semana entre 24 e 31 de março de 1964, entre greves, bombas e ameaças de guerra civil, no coração do Rio de Janeiro, um encontro sombrio e enigmático aconteceu na sede do Instituto Brasileiro de Ação Democrática. A atmosfera estava carregada com um mistério que pairava sobre o país, como se as nuvens do destino estivessem prestes a despejar sua chuva de conspirações sobre o Brasil.

Edmundo Monteiro, um homem com um semblante que sugeria uma cumplicidade secreta com as sombras, revelaria a verdade por trás da misteriosa campanha “OURO PARA O BEM DO BRASIL”. Era um enigma que Marília e Gabriela estavam determinadas a decifrar.

Naquela sala abafada, onde as cortinas de veludo carmesim bloqueavam a luz do sol do lado de fora, Edmundo quebrou o silêncio. Seus olhos, um abismo de segredos profundos, encontraram os olhares de Marília e Gabriela. “A verdade é muito mais sombria do que a história que vendemos ao público”, disse ele, com uma voz sussurrante que evocava o murmúrio dos rios do nordeste brasileiro.

Edmundo revelou que a campanha “OURO PARA O BEM DO BRASIL” não era movida por um desejo de prosperidade nacional, mas sim pela ganância insaciável dos DIÁRIOS ASSOCIADOS. “Era uma fachada para encher

nossos bolsos”, confessou, como se admitisse sua própria culpa em um pacto com forças ocultas e diabólicas.

Gabriela, com seu sorriso irresistível, tomou a palavra. Ela ofereceu um milhão de dólares para a campanha, como se estivesse semeando a corrupção em solo fértil. A CIA via na campanha uma oportunidade de legitimar o governo golpista que se preparava para assumir o poder, pois a doação do povo equivaleria a um pleito eletivo.

Edmundo explicou que a campanha também contava com a generosidade de vários anunciantes, que injetariam uma bolada em verbas publicitárias. “Tudo parte do mesmo plano”, disse ele.

O governo militar que se preparava para assumir o poder, via na campanha uma maneira de conquistar credibilidade, embora se recusasse a assumir qualquer responsabilidade pelas consequências que viriam.

A campanha “OURO PARA O BEM DO BRASIL” estava prestes a envolver as autoridades e a mídia em sua teia de enganos. A realidade se misturava com a ficção, como se o próprio Rio de Janeiro estivesse mergulhado em um enredo mágico, onde as linhas do certo e do errado se confundiam, e a história do Brasil era reescrita nas sombras do poder.

Um calhamaço de folhas em formato A3 continha detalhes sobre cada passo do plano; campanha publicitária nacional, declarações positivas de autoridades escolhidas a dedo, locais de arrecadação e data de encerramento; 9 de Julho de 1964.

Todas as doações seriam centralizadas na sede dos DIÁRIOS ASSOCIADOS.

O montante arrecadado seria transportado por caminhões do Exército e navios da Marinha até a CASA DA MOEDA no Rio de Janeiro. Obviamente com toda a pompa e participação do público.

Monteiro cuidou para que nada do que fora revelado no encontro se tornasse público, minando qualquer chance de Marília de converter aquela história em um registro jornalístico minimamente crível.

Gabriela, ato contínuo, informou detalhadamente John Turner sobre suas descobertas e deu por concluída sua missão.

Marília ficou sabendo, na manhã de 25 de março de 1964, que depois que o artigo de Lewis Lee havia sido publicado, o Departamento de Estado havia classificado todos os documentos da Operação Silêncio Profundo e que a UPI estava impedida de publicar, por razões legais e de segurança nacional, qualquer matéria sobre o assunto. Mas como democrata e legalista convicta, ainda tentaria encontrar uma forma de impedir que o golpe e toda a sujeira que estava por trás dele, se concretizasse.

Lembrou-se de que a mãe, dona Maria Alice, era uma macumbeira convicta que tinha bons relacionamentos com o povo do além. Intuiu que as forças da direita podiam muito bem contar com “as forças da direita”, e que as forças da esquerda a mesma coisa.

Telefonou para a mãe que a informou que estava ciente de tudo que estava ocorrendo e que pouca esperança havia de vencer as forças malignas por que elas estavam, justamente, do mesmo lado.

Dona Maria Alice sugeriu que Marília preparasse e enviasse ao Congresso Nacional um trabalhinho; uma oferenda aos guias protetores de Brasília, da esquerda no caso.

A receita, chamada Marafo, continha o seguinte:

Uma garrafa de aguardente de qualidade

Sete folhas de arruda

Três pedaços de casca de limão

Três cravos-da-índia

Uma colher de sopa de mel puro

Uma vela preta

Um copo pequeno de água mineral

Um prato branco

Dona Alice prossegue. Coloque tudo em uma caixa de papelão e envie ao Congresso Nacional via aérea. Enderece a ZÉ DAS TREVAS. Escreva um bilhete com as seguintes instruções: disponha o conteúdo elegantemente, coloque no meio da praça, acenda a vela e caia fora.

Indagada sobre o nome do destinatário Dona Alice informou que havia gente trabalhando para isso e que o pacote, com certeza, seria entregue ao destinatário certo, uma vez que o Congresso Nacional é residência permanente do capeta.

Marília também considerou pedir ajuda à prestigiosa Igreja Católica de Brasília.

Em contato com Núncio Apostólico de Brasília, Dom Armando Lombardi que, apesar de adoentado, foi muito solícito e entendeu perfeitamente as preocupações de Marília. Enfatizou, porém, que não era comunista.

Dom Lombardi encaminhou o caso para o Bispo Auxiliar Dom José Newton de Almeida Baptista, Superior da Catedral de Brasília.

Dom José Newton esclareceu que já havia tomado as providências possíveis; missa de hora em hora exceto na hora do almoço e na hora do jantar. Bençãos permanentes e Confessionário aberto 24 horas.

Sobretudo porque as forças do mal não dão trégua e trabalham, por assim dizer, nas sombras, Dom José Newton teve a perspicácia de manter, também em plantão, uma equipe de padres exorcistas, para os casos mais graves.

Marília ficou aliviada e dormiu tranquilamente naquela noite.

Capítulo 14.



Na noite de 29 de março de 1964, a capital brasileira testemunhou uma reunião que se tornaria uma página misteriosa na história do Brasil. À medida que as sombras se alongavam pelo gabinete presidencial, o Presidente João Goulart, uma figura ao mesmo tempo carismática e enigmática, sentou-se com seus colaboradores mais próximos, cada um deles portando o peso de um futuro incerto nas costas.

O aroma de cigarros e cafezinho fresco impregnava o ar, como se a atmosfera estivesse saturada de tensão e presságios. Jango Goulart, com sua voz profunda e olhos cansados, fez ecoar sua determinação: “Não quero um banho de sangue. Prefiro perder o poder a ver uma guerra civil dilacerar nosso amado país”.

Mas as vozes discordantes já se faziam ouvir. Leonel Brizola, com sua paixão inabalável, não hesitou em argumentar pela resistência. Sua determinação era palpável, como um trovão ecoando no horizonte. Ele via a resistência como um ato de bravura, um último suspiro de dignidade em face da tempestade iminente.

Darcy Ribeiro, o intelectual respeitado, trouxe notícias sombrias de suas tentativas de negociação com os conspiradores. Seu relato era como um mergulho nas águas escuras de um rio incerto, onde a traição e a incerteza esperavam nas profundezas.

Almino Afonso, com um semblante tão grave quanto a própria voz, aconselhou Goulart a proteger sua família, retirando-os da cidade o mais rápido possível. Suas proféticas palavras eram como o vento frio de uma noite escura, cortando o silêncio da sala.

E, no meio desse turbilhão de opiniões conflitantes, estava Tancredo Neves. Um verdadeiro estadista, ex-chanceler, ele almejava evitar confrontos armados e derramamento de sangue. Com sua voz serena, ele fez um apelo a Jango, pedindo que renunciasse. Seus olhos, no entanto, carregavam a tristeza de quem sabia que a história estava prestes a virar mais uma página sombria.

Naquela noite, o Brasil estava à beira do abismo, e as vozes destes homens, como personagens de um romance de final previsível, refletiam os dilemas de uma nação em crise. As sombras do destino pairavam sobre eles, enquanto o Brasil, como um protagonista incerto, esperava seu futuro ser escrito nas páginas da história.

Nos obscuros corredores do poder americano, onde sombras dançavam ao ritmo da política, a conspiração se desenrolava. A operação Brother Sam, como foi chamada, revelou-se um enredo repleto de intrigas, como uma dança mortal entre interesses internos e externos.

O embaixador dos Estados Unidos no Brasil, Lincoln Gordon, era o maestro dessa sinistra sinfonia. Conspirações estavam no ar, e a marionete dos Estados Unidos, o governo de João Goulart, estava sob constante escrutínio. Um plano secreto, discutido em sussurros nos corredores do poder em Washington, estava em andamento. A Operação Brother Sam estava prestes a ser desvelada.

A deterioração das relações entre os Estados Unidos e o governo de Goulart serviu de catalisador para a operação. A ideia era simples: garantir o sucesso da Operação Silêncio Profundo. As mentes maquiavélicas por trás desse plano imaginaram e puseram em prática a intervenção. Desde o apoio logístico a John Turner e sua equipe até o posicionamento de uma esquadra no litoral brasileiro, tudo estava sendo considerado. Até mesmo a ideia de uma gigantesca operação terrestre foi colocada na mesa.

O plano era audacioso, mantendo contato com conspiradores brasileiros, como o general Castelo Branco, visando à formação de um governo provisório que solicitaria ajuda externa. O cenário estava montado para um drama político e militar de grande escala.

Quando o golpe de Estado finalmente eclodiu, a Operação Brother Sam foi ativada. Os olhos do mundo estavam fixos no Estado da Flórida, onde o porta-aviões USS Forrestal, um símbolo de poder e ambição, começou a se mover. Navios de guerra americanos e petroleiros se alinhavam, carregados com combustíveis e suprimentos bélicos, prontos para apoiar os militares insurretos.

Enquanto isso, no céu, uma frota de aeronaves americanas, prontas para entrar em ação, aguardava nas bases aéreas. A Operação Brother Sam estava em pleno andamento, como um pesadelo que ganhava vida.

Mas o destino tem suas reviravoltas, até mesmo nos contos mais estranhos. Antes que os carregamentos chegassem ao seu destino, a conspiração brasileira havia se apressado. O governo de Goulart caiu nas mãos dos militares opositores, liderados por Castelo Branco. A ajuda externa não era mais necessária, e aquela sinistra operação foi desativada.

Capítulo 15.



No dia 1º de abril de 1964, nas ruas das cidades, multidões confusas se movimentavam, algumas celebrando o fim do governo de Goulart, enquanto outras se escondiam nas sombras, temendo o que o futuro reservava. As conversas sussurradas ecoavam como murmúrios de fantasmas do passado, e os olhares se cruzavam com uma mistura de esperança e medo.

Em Brasília, o Palácio do Planalto, que antes era o epicentro do poder, agora estava repleto de sombras intrigantes, carros de combate se misturavam às tropas, algumas leais a Jango. Novos rostos ocupavam os corredores do poder, enquanto os fantasmas dos líderes antigos pairavam nas salas, como espectros relutantes a deixar o palco.

A mídia estava sob um véu de censura, como se a própria realidade estivesse sendo filtrada pelas mãos invisíveis do destino. As manchetes eram como enigmas, e a verdade parecia esquiva, escapando por entre os dedos dos jornalistas.

Nas fazendas e nos rincões do Brasil, os trabalhadores rurais continuavam suas labutas diárias, alheios aos jogos do poder que aconteciam nas cidades. O país estava dividido entre o passado e o futuro, entre a democracia e a autoridade militar, como se estivesse suspenso em uma dimensão indefinida.

À medida que a semana avançava, a nação se via navegando em águas desconhecidas, como se estivesse em um barco à deriva em um oceano de incertezas. Mas havia paz.

John Turner, agora refeito e em pleno vigor, cada vez mais apaixonado por Gabriela, retomou sua rotina.

A caixa postal número 19 continha uma maravilhosa surpresa, uma carta de sua avó Helen Wilson. E também uma carta endereçada a ele do Departamento de Estado, em envelope com logotipo oficial.

Ao chegar ao seu gabinete de Adido Cultural no consulado, uma surpresa o aguardava; Kate, David e Toledo haviam preparado uma surpresa, sua festa de despedida. Gabriela e Marília também estavam presentes.

As meninas haviam preparado um ambiente alegre e festivo, com motivos infantis de festas de aniversário de crianças americanas. Tudo com muita cor.

O êxito da Operação Silêncio Profundo proporcionaria a todos novas e compensadoras tarefas.

William Toledo será transferido para o departamento CUBA do Departamento de Estado, onde tentaria derrubar o governo Castro.

Kate Jones substituirá Turner no escritório da SEARS.

David McDonald, o mais feliz de todos, será efetivado na Força Aérea par trabalhar no Projeto Livro Azul.

Marília pediu demissão da UPI e estava entre aceitar um trabalho de colunista no jornal O ESTADO DE SÃO PAULO ou mudar com CW para a fábrica da Ford na Inglaterra.

Turner, emotivo, agradeceu o empenho de todos, que prometeram manter contato.

John Turner se ofereceu para acompanhar Gabriela em sua viagem de volta ao Rio de Janeiro, convite prontamente aceito.

Uma vez no Rio, combinaram de jantar às 7:30.

Com um toque de sofisticação e a promessa de um amor eterno, John Turner expressou seu desejo de compartilhar a vida com Gabriela em um pedido de casamento que ecoaria na memória deles para sempre.

Em um cenário de elegância e sofisticação, no restaurante do Hotel Glória, John Turner tomou a mão de Gabriela com um olhar determinado e apaixonado. Com um leve sorriso, ele começou a falar:

"Gabriela, desde o momento em que nossos caminhos se cruzaram, minha vida se transformou em um conto de encanto. Você é a personificação da graça e da beleza, uma visão que ilumina meu mundo a cada dia. E hoje, diante desta atmosfera tão especial, quero fazer uma pergunta que vem do fundo do meu coração."

Ele se ajoelhou, mantendo o olhar fixo nos olhos profundos e enigmáticos de Gabriela, e continuou:

“Gabriela, você aceitaria ser a minha companheira para toda a eternidade? Aceitaria compartilhar todos os dias, todos os sorrisos e todos os desafios que a vida nos reserva? Gabriela, quer casar comigo e fazer deste momento o início de nossa própria história de conto de fadas?”

Gabriela olhou nos olhos de John Turner, sentindo seu coração bater mais rápido em resposta ao seu pedido sincero e apaixonado. Com um sorriso radiante, ela respondeu: "John, desde o momento em que você entrou na minha vida, tudo se tornou mais belo e significativo. Aceito com todo o meu coração e com alegria infinda. Você é o meu conto de fadas, e esta é a realização de um sonho que jamais pensei que se tornaria realidade. Sim, John, eu quero ser sua esposa e compartilhar todos os dias, todos os sorrisos e todos os desafios que o futuro nos reserva. Para toda a eternidade, eu sou sua, como você é meu. Mas sob algumas condições."

– Condições, disse Turner.

– Não vou ser dona de casa.

– Quero um automóvel Alfa-Romeo, um JK.

– Quero passar férias em Minas Gerais. Mas é só porque está lá o melhor povo e a melhor comida do mundo. E não precisa de luxo.

– Quero morar no Rio e quero uma mesada de dois mil dólares por mês.

Turner mostrou para Gabriela a carta que havia recebido do Departamento de Estado que informava que ele seria transferido para a embaixada de Santiago do Chile.

– Concorda? Perguntou Turner.

– Sim, sim, sim! Disse a feliz Gabriela. Mas em vez do JK vou querer um Mercedes.

Com essa resposta repleta de amor e felicidade, interesse e risos, John e Gabriela deram início a um capítulo novo e emocionante de suas vidas, unindo-se em um compromisso que perduraria para sempre.

Epílogo.



John Turner abriu o envelope que continha a carta que recebeu de sua fogosa avó prevendo a emoção que sentiria ao ter contato com as palavras sempre sábias daquela sua musa eterna.

Querido John,

Espero que esta carta encontre você em boa saúde e ânimo. Hoje, enquanto o sol pinta o vasto céu do Texas com suas cores mágicas, eu me pego pensando nas histórias que compartilhamos quando você passava as férias em minha fazenda, em Laredo. Parece que foi ontem, mas os anos passaram tão rapidamente.

Aqui, na minha amada fazenda texana, algo mágico aconteceu. Thomas Miller, meu vizinho fazendeiro de 76 anos, fez algo surpreendente e inesperado. Ele se ajoelhou perante mim, com o coração transbordando de coragem, e pediu a minha mão em casamento. Oh, querido neto, estou apaixonada por ele, e nossos dias são preenchidos com brincadeiras excitantes, como dois jovens enamorados. É como se o tempo tivesse retrocedido, e o realismo fantástico que ouvi você mencionar quando era mais jovem parece ter encontrado um lar em nossas vidas.

Lembro-me das histórias que você costumava contar enquanto cavalgávamos pelos campos vastos e explorávamos

os segredos da fazenda. Você falava sobre um herói justiceiro chamado Cavaleiro Negro, cuja lenda se misturava com a nossa própria realidade. Ele era como um fantasma benevolente que garantia que a justiça prevalecesse, e você jurava que, quando crescesse, seguiria o mesmo caminho, ajudando os mais fracos.

Hoje, enquanto relembro essas histórias e sonhos que compartilhamos, fico feliz em dizer que você se tornou um homem nobre, tão cheio de compaixão quanto aquele herói justiceiro. Sei que, em seu próprio caminho, você também ajuda os mais fracos, e estou incrivelmente orgulhosa de quem você se tornou.

Ah, e quanto à menina Evelyn Taylor, que tinha 13 anos naquela época, ela continua a perguntar por você sempre que nos visita, apesar de ter casado, ter três filhos e dobrado de peso. A paixão que ela tinha por você era evidente, e a chama daquele amor jovem ainda queima dentro dela, mesmo que o tempo os tenha levado por caminhos diferentes.

Com todo o meu amor, John, saiba que a fazenda de Laredo, o realismo fantástico e as histórias que compartilhamos continuam a florescer em nossos corações. E, como Thomas e eu embarcamos nesta jornada juntos, sinto que o espírito do Cavaleiro Negro vive em nossas almas, guiando-nos pela estrada da vida com a justiça e o amor como nossos fiéis companheiros.

Com amor e saudades,
Sua avó, Helen Wilson.

Fim.